

TEMPOS

Victor Gomes

Amigo Virgílio,

O nosso singular acordo obrigou-me a escolher uma parte desta senda de recordações da minha vida.

Fique ciente de que só uma causa muito forte pôde fazer-me abrir mão do que é tão só meu e íntimo. Estou a reviver para mim próprio, o que me leva a não fantasiar, nem procurar artifícios daqueles que fazem vender livros.

Pela sinceridade inerente, colando-me tão à pele, solicito que leia e deite fora logo de seguida, independentemente de lhe ter agradado ou não.

Acredite, é-me totalmente indiferente que goste ou não do estilo, do tema, do conteúdo... Só me interessa que o subjacente neste acordo, para cumprimento da sua parte, surta o efeito que muito desejo.

(assinatura ilegível)

(Este primeiro documento recebido, apresenta no centro da primeira página duas datas separadas pelo sinal de pontuação barra. Apesar de rasuradas, ainda é possível reconhecer em ambas os três primeiros algarismos. O 1, o 9 e o 7. Os últimos, sob novelos de riscos mais densos, são impossíveis de discernir)

197?/197?

Os colégios fecharam portas atrás de mim, obrigando-me a procurar outro poiso, outra família.

Esta é uma sensação muito estanha... Torna-se-me impossível descrevê-la, dá-la a entender na sua essência... Senti-me por duas vezes enjeitado, posto na rua sem qualquer palavra de justificação. E isso magoou-me imenso...

Pela terceira vez tive de partir do zero quanto a amigos, professores, regras, comida, camarata, número na roupa...

Com a distância temporal, alguns detalhes que gostaria de ter apagaram-se ou ficaram escondidos algures no meio de um dúbio nevoeiro. Sei, com evidência, que tive de me deslocar previamente ao novo colégio, para efeitos de matrícula, pagamentos e formalidades globais. Inexplicavelmente, nenhum registo me ficou dessa viagem, feita ainda no final do ano lectivo anterior.

A segunda viagem mantém-se sim na minha memória, mais não seja pela enorme mala que me vergava cada vez que era exigido mudá-la de lugar. Viajou junto de muitas outras, dos restantes passageiros, presa numa estrutura metálica por cima do tejadilho da camioneta. Havia também um malote, igualmente de tamanho generoso, que abrigava os restantes pertences necessários numa nova etapa da minha vida.

Após uma centena de quilómetros percorridos, o veículo chegou às primeiras casas do aglomerado urbano. Avançou pela estrada calçetada, reduzindo

significativamente a velocidade, permitindo mais à frente a entrada de música pelas janelas abertas. Agradabilíssima a minha recepção!... Constatei depois, tratar-se de um hábito aquela oferta de música nas artérias principais da vila. Altifalantes colocados a meio dos postes de iluminação, ligados por fios a um certamente poderoso amplificador, que nunca soube onde ficava, nem tão-pouco me interessou saber na altura, distribuíam ritmo e alegria a todos. Com incidência nos fins-de-semana, pude usufruir de uma selecção de música britânica e americana, apresentada por alguém que modelou o meu gosto musical. A descoberta dos Genesis, Pink Floyd, Rolling Stones, Bee Gees, Led Zeppelin, The Doors, Cat Stevens, entre outros, teve aí lugar.

Ainda coloquei a hipótese de mais algum passageiro ser meu colega de estudos, o que me levou a percorrer com o olhar os lugares de um lado e do outro do corredor. Não havia ninguém da minha idade nem com aspecto de ser estudante. Com efeito, todos quantos se apearam, depois de entregues as malas, seguiram em sentido contrário ao meu.

Cheguei ao colégio com antecedência, o que me permitiu presenciar a chegada dos colegas, quase sempre acompanhados pelos pais e pelas mães, os quais saíam dos seus automóveis, eles de fato e gravata, e elas com vestidos a rigor, distribuindo olhares circunspectos e altivos em redor, sobretudo aqueles que traziam as filhas. Sim, porque na realidade havia dois colégios contíguos, o masculino e o feminino, pertencentes ao mesmo dono, cujo funcionamento partilhavam em vários domínios. Desde a escola primária fora privado da presença de raparigas no quotidiano escolar. E, como esse abarca a maioria esmagadora do ano civil, posso dizer que durante cinco anos fui privado da presença feminina na minha vida. Pelo menos a da minha idade, porque havia cozinheiras, empregadas da lavandaria, das limpezas e outros serviços.

Foram-se alegre e ruidosamente instalando pelas diversas camaratas, comigo a assistir, à distância e tão discretamente quanto possível... Já todos se conheciam de anos anteriores, o que proporcionava alarido nos primeiros minutos do reencontro.

Por ali fui deambulando, mais não sendo do que objecto do olhar distraído de uns e curioso de outros.

A fachada principal do colégio, apalaçada nos dois primeiros pisos, mas com um notório acrescento de um terceiro, onde destoavam janelas mais pequenas, exhibia a sua imponente meia centena de metros em comprimento. Este bloco constituía o núcleo central do estabelecimento de ensino, onde para além de todos os serviços administrativos e refeitório, recebia os alunos internos. Nas suas traseiras encontrava-se outro prédio destinado a salas de aulas, os campos de jogos e o ginásio. Lateralmente, separado por uma rua exclusiva do colégio e dois portões baixos de ferro, situava-se o prédio das raparigas.

A minha camarata ficava na parte de trás do edifício principal, no rés-do-chão, que ali era elevado dado o desnível do terreno. A construção, extremamente sólida, era observável na largura enorme das paredes, rasgadas por duas altas janelas, protegidas por portadas interiores de espessa madeira maciça. Dispunha de seis lugares, com seis baús também em madeira para arrumação de roupa, encostados à extremidade inferior das camas, três para cada lado. Havia também dois armários, igualmente em sólida madeira, um à direita e outro à esquerda da porta de entrada, que subiam até próximo do tecto, cada um dividido em três secções.

Desconcertante foi a visão que tive ao ver entrar em duplo a mesma pessoa na minha camarata. Tratava-se de gémeos e foram os primeiros, depois de mim, claro, a ocupar os lugares vagos. Resmungaram um cumprimento e dirigiram-se aos seus

espaços, que notoriamente já conheciam. Atiraram as malas para cima das camas e saíram aos gritos, insultos mútuos e empurrões pelo corredor, sem que eu tivesse constatado algum motivo que justificasse aquela atitude. Ali fiquei, perplexo, a olhar para quatro malas abandonadas, todas idênticas.

Já a tarde ia avançada, quando numa das vezes que voltei à camarata encontrei dois outros companheiros. Estes estavam atarefados na arrumação dos seus pertences e mal responderam ao meu cumprimento. Trocavam frases curtas e compassadas, com uma naturalidade própria de quem já se conhece bem. Fiquei por ali, remexendo nas roupas que pendurara no armário, na expectativa de alguma aproximação... Em vão. Concluída a tarefa, saíram os dois em silêncio.

Nos meus dois primeiros colégios, os caloiros tiveram sempre uma apresentação individual das instalações, feita por funcionários. Aos colegas mais velhos competia a tarefa de integração, com reuniões em grupos de idades e anos escolares, actividades de ordem vária e apresentação de regras de conduta. Neste, tudo isso era ignorado... No entanto, pensando bem, até era escusado, na medida em que todos se conheciam já. O intruso era eu, e assim, sozinho teria de me desenrascar... se quisesse ou pudesse.

Contrariamente ao que acontecera ao almoço, o refeitório já se encontrava bem composto de alunos e alunas na última refeição do dia. O enorme salão estava dividido a meio por um espaço sem mesas. De um lado, à entrada, destinava-se aos rapazes, do outro, ao fundo, às raparigas. Reparei também que elas já estavam prestes a concluir a refeição, quando nós ainda fazíamos fila com os tabuleiros. Os horários para o efeito tinham meia hora de diferença entre elas e nós...

-- A Dona Felismina aperta o cerco logo no primeiro dia!...

-- Já viste alguma jeitosa entre as novas?

Os dois colegas à minha frente continuaram a conversa enquanto espreitavam insistentemente a secção feminina da sala, ao mesmo tempo que preenchiam maquinalmente o tabuleiro.

Assim me dei conta que cerrada vigilância marcava presença por parte da directora. Uma senhora, cuja atitude vertical do busto pretendia mascarar a idade, de preto rigorosamente vestida, com o cabelo apanhado no alto da cabeça. Sentada a uma pequena mesa contígua à das raparigas, fixava de forma imóvel todas as movimentações.

Quando, a uma só vez, as raparigas se levantaram das mesas, porque esperaram umas pelas outras e se dirigiram para a saída, que se fazia pela mesma porta da entrada, todos os rapazes interromperam a refeição, para de forma mais ou menos discreta gozarem o momento. O bruaá característico e normal do local foi subitamente para outro lugar. Alguns tiveram a sorte de um “olá”, de um sorriso ou de um aceno de cabeça por parte das mais confiantes. No entanto, a maioria demonstrou muita timidez e passou com a cabeça baixa, ousando, quando muito, algumas delas, um olhar furtivo, impossível de distinguir a quem se destinava. Grande momento de tensão de parte a parte. O mundo parou o seu ritmo regular, para dar lugar a um momento sublime na existência humana. Pairava no ar um deleite de existência, inebriante, elevado ao zénite...

Galvanizado, recordo-me perfeitamente que adoraria, idolatraria, pelo menos mais de uma dezena daquelas perfeitas musas que me passaram pela frente... O momento foi mágico...

Uma vez findo o desfile, houve nas mesas lugar ao recompor da emoção, que passou na globalidade por piadas mútuas, acusação de paixões veladas, pretensamente

ali desmascaradas, e muitas, muitas opiniões sobre as recém-chegadas, que eu evidentemente não podia distinguir.

Seríamos cerca de cento e cinquenta no total, de ambos os sexos. Todos adolescentes. O internato não aceitava idades abaixo dos doze ou treze anos, pelo menos nos rapazes. Creio compreender a estratégia, porque a autonomia e responsabilidade que nos eram confiadas não se compraziam com tenras idades. Por outro lado, necessitariam de funcionários a tempo inteiro em número elevado ou mesmo residentes. Com efeito, no colégio masculino estávamos praticamente entregues a nós próprios. Os horários eram afixados e todos respeitavam. Havia, isso sim, um terror perante a presença do filho da Dona Felismina, o Doutor Zeca, a quem supostamente ela entregara a gestão do colégio masculino. Quase não o víamos, mas eram lendárias as tarefas que dera a alunos apanhados em flagrante, nalguns casos de indisciplina ou incumprimento grave de regras... Havia ainda um pavor perante a eventual ordem de expulsão do colégio, como um anátema aterrorador...

Pairava, como por magia, um todo que contribuía para aquele equilíbrio responsável surpreendente.

Após o jantar, houve ainda lugar a um passeio até ao centro da vila, para alguns que não quiseram ficar pelos pátios ou camaratas. Fui atrás de grupos que se formaram, sem que alguém realmente se interessasse directamente por mim.

Ao passarmos em frente do colégio feminino, dois dos mais crescidos apanharam pedrinhas e atiraram-nas às janelas das camaratas femininas do primeiro andar, disparando de imediato numa correria. Os restantes, eu inclusive, apanhados de surpresa, ainda ficaram alguns segundos com os olhos cravados nas janelas, para logo de seguida mostrarem capacidade de sprinters.

No centro da vila houve dispersão, ficando alguns pelos bancos do espaço ajardinado, como eu, enquanto os outros se dirigiram aos cafés e comércios. Quase todos fumavam. Tinha eu já experimentado alguns cigarros, sem ter achado graça nem prazer no acto. Mas ali, estava mesmo desenquadrado, o que me levou a entrar numa loja e a comprar um maço.

Como resultado de um inaudível toque a rebate, talvez meia hora depois, todos estavam de volta ao grande largo da vila. Um daqueles que atirara pedrinhas à janela, disse em voz bem alta que estava na hora e deu-se início ao regresso.

O alarido por aqueles passeios não cessou, por todo e qualquer motivo, até chegarmos de novo à rua separadora dos colégios. No pátio feminino havia muita animação, originada pelos gritos e correrias de um jogo qualquer. Estancámos ali, apoiados no muro e nos portões, espreitando o que se passava. No entanto, logo de seguida, uma voz autoritária, a da Dona Felismina, surgiu implacável, vinda de uma janela do primeiro andar, mesmo por cima de nós, impondo a silenciosa debandada masculina.

Na minha camarata fui encontrar os quatro companheiros já conhecidos. Os dois gémeos arrumavam pausadamente as roupas, muito mais calmos do que horas antes. Os outros dois falavam de banda desenhada. Cada um tinha uma quantidade de livros e de revistas que avidamente queria dar a conhecer ao outro. Pouco depois começaram a vestir os pijamas e dirigiram-se para a enorme casa de banho, com a escova de dentes e a pasta dentífrica. Sempre atento aos exemplos, limitei-me a segui-los, mimetizando os passos das rotinas...

Foi-se fazendo silêncio, com o desligar das lâmpadas nas diversas camaratas. Tínhamos acabado de desligar também as nossas, e já me aprontava para de olhos

fechados rever os momentos do longo dia, quando um furacão irrompeu porta adentro, ligou as luzes e desatou a saltar de cama em cama, não poupando também a minha.

-- Seus preguiçosos, só sabem dormir! Toca a acordar! Toca a estudar!

Houve alguns protestos dos outros, mas ténues e sem convicção. Efusivo, à vez atirou-se para cima da cama dos outros quatro, agarrando os varões de cada lado, esmagando-os um por um contra o colchão. Aproximou-se depois de mim, devagar, com o dedo indicador à frente do nariz, que se transformou subitamente num braço em riste e uma mão aberta.

-- Jacaré!

Não recordo se balbuciei qualquer coisa ao sair da cama e sentar-me no rebordo, mas ele insistiu:

-- Jacaré! E tu?

Meneei a cabeça em sinal de desorientação...

-- Tá bem... Manuel, e tu?

Nunca cheguei a conhecer o que esteve na origem daquela alcunha, tão bem aceite pelo proprietário. No início, tive curiosidade, sem coragem para ousar perguntar, depois esqueci e passei a utilizá-la sem mais questões.

Entrou nessa altura o responsável pelas camaratas daquele piso, averiguando o que se passava. Era um enigmático aluno, bastante mais velho, que dispunha de um pequeno quarto individual, mais parecido com uma arrecadação, a meio do corredor das nossas camaratas. Ao quarto ou quinto passo depois da porta de entrada foi atacado pelo Jacaré, que após dois saltos o envolveu num exagerado abraço.

-- Que saudades! Tantas saudades!

-- Pára com isso! Caramba! Tás igual ou ainda pior... Pára com isso!

-- Acabei de chegar!...

-- A sério!? Alguém aqui se deu conta?

Reinou contudo a boa disposição e acabaram os dois por ir buscar a bagagem que o Jacaré disse ter largado junto ao portão das “beldades”.

Deixou depois as malas por arrumar e deitou-se. Não para dormir, mas para em voz baixa me colocar uma série inquisidora de perguntas. Era o meu vizinho de cama e o primeiro a dar-se realmente conta da minha presença e existência. Tinha à minha direita a parede e uma janela, à esquerda a cama do Jacaré.

O início das aulas foi no dia imediato. Dei-me então conta do número elevado de alunos externos que frequentavam o colégio. Os internos representavam uma minoria, que se mantinha nos intervalos das aulas em grupos quase estanques. Do lado feminino podia constatar-se uma percentagem idêntica, porque parecia não caber mais ninguém naquele grande pátio.

Recordo-me bem da tristeza que me assolou, quando constatei que as aulas não eram mistas!... Os professores atravessavam a rua e davam separadamente as aulas nos dois colégios. Justificava-se, por conseguinte, a magia proporcionada pelo momento das refeições, três vezes por dia...

Vorazes... os dias foram vorazes...

O ritmo das aulas e o elevado grau de conhecimentos exigido deixaram-me preocupado. Os colégios precedentes estavam longe em qualidade de trabalho desenvolvido pelos docentes e em resposta à altura dos discentes. Se senti dificuldade em seguir as aulas... tirar apontamentos era tarefa impossível. Na disciplina de matemática as dificuldades eram ainda acrescidas, pela relutância ganha desde a primária, fruto de um professor que não merecia o nome da profissão.

Os cinco companheiros de camarata eram do meu ano. Os gémeos, que davam a alguém distraído a ideia de se aturarem, unicamente porque tinham o laço familiar, na realidade eram imprescindíveis um ao outro. Havia uma relação de contínuo conflito inexplicável. Procuravam-se ao longo do dia para se digladiarem, como se fosse um sustento obrigatório. Afastavam-se no auge das contendas, mas por pouco tempo. O Jacaré, numa sexta-feira, farto de uma semana inteira de resmunguices à noite na camarata, sugeriu que um deles trocasse de cama com o Robalo, cuja cama se encontrava situada à sua esquerda, ao lado do armário, de forma a ficarem em cantos opostos, distantes. O que foi ele dizer!... Primeiro ficaram ambos a olhar, perplexos, depois desataram a falar ao mesmo tempo, metralhando o Jacaré, que saiu espavorido com as mãos a tapar os ouvidos. O Robalo e o Trovisco eram alunos aplicados. Quase não saíam do colégio, sendo habitual encontrá-los na biblioteca ou na sala de estudo. Ainda pensei juntar-me a eles para colmatar o meu atraso, mas, por não ousar intrometer-me onde não fora convidado, e por não querer prescindir da liberdade que o colégio concedia nas saídas para a vila, não o fiz. O Jacaré, depois das aulas só o via de raspão ao jantar e à noite na camarata, com grande pena minha. Saía com os externos e desaparecia da nossa vista.

Entretanto, entre o internato dos dois colégios fervilhava uma abundante correspondência interna. Havia sempre meio de se encontrar mensageiro. Para além do procedimento mais habitual, os rapazes com irmãs no outro lado, que escapavam facilmente a qualquer vigilância da Dona Felismina, a imaginação era fértil... À hora das refeições notavam-se já olhares mais afoitos, sorrisos comprometidos... Momentos de genuína felicidade...

Os fins-de-semana chegavam e com eles levavam geralmente mais de metade dos internos. Percentagem superior no colégio feminino, a julgar pelo significativo número de cadeiras vazias no sector das raparigas ao jantar de sexta-feira, e ainda maior ao almoço de sábado. Antes disso, a pastelaria do Patronato, como era conhecida, fronteira ao colégio feminino, ficava repleta. Era esse um dos lugares de encontro marcados entre os correspondentes da semana. Dali saíam em pequenos grupos mistos pelos passeios empedrados, em direcção à paragem dos autocarros ou à estação de caminho de ferro.

O furtivo beijinho que algumas concediam antes do momento da despedida, era para a época uma ousadia arriscada, que lhes podia custar uma dura reputação. Tinha, no entanto, um valor inestimável para os intervenientes, algo incalculável nos tempos actuais...

Estes preciosos momentos repetiam-se para alguns no domingo à tarde, aquando do regresso, separando-se depois os pares por uma semana, na esquina da rua do colégio, local onde já não podia haver lugar a qualquer contacto, não fosse caso a Dona Felismina estar à espreita numa das numerosas janelas...

Volvido um mês, o Jacaré não foi a casa no fim-de-semana. Depois do jantar de sexta-feira, surpreendentemente para mim, tinha-me convidado para ir com ele até à vila no dia seguinte, o que mereceu anuência com enorme gratidão.

Sábados e domingos os internos ficavam por conta própria. Os que se ausentavam tinham de o comunicar com antecedência, até ao almoço de sexta-feira, partindo-se então do princípio que os restantes ficavam. Talvez no intuito de saber quantas refeições confeccionar para os que restavam.

Assim, logo depois do pequeno-almoço desse sábado, saí com o meu colega, para só regressar à hora de jantar.

A conversa decorria animada por copos de cerveja na esplanada de um café, mas a certa altura o Jacaré começou a ficar distraído e manifestamente desinteressado pelos temas. Olhava para o relógio e à nossa volta incessantemente. Momentos depois, surgiu um menino, muito giro, aloirado, de olho azul, ou esverdeado... não recordo já muito bem, que se aproximou do meu amigo a sorrir. Sussurrou-lhe qualquer coisa ao ouvido e afastou-se a correr.

-- Alteração de planos... Não podem vir agora. Em troca vêm da parte da tarde... Ainda melhor!

-- Quem?

-- As miúdas... Anda daí! Sabes jogar snooker? Eu ensino-te...

Nem me deixou responder... mas sim, eu sabia... No colégio anterior, havia num ginásio desactivado uma mesa de snooker, duas de pingue-pongue e três de

matraquilhos. Como não podíamos sair para outros horizontes, para além das aulas ali se centrava o nosso mundo, ou pelo menos o daqueles que se destacavam, dos vencedores, porque os restantes foram-se habituando a comungar do sabor amargo da derrota, ou passaram a não mais querer arriscar, fugindo da humilhação perante um público sempre numeroso. As regras ditavam que os jogadores se podiam manter nas mesas enquanto não fossem derrotados. Alguns, só por exaustão as largavam. Na mesa de snooker e nas de pingue-pongue, eu conseguia manter-me por muito tempo, enquanto nas de matraquilhos a saída era quase imediata.

Depois de vencidas as duas dezenas de degraus, equivalentes ao pé-direito do rés-do-chão dos Bombeiros Voluntários, com entrada directa pela rua, deparei com uma mesa de bilhar e três de snooker. Uma só mesa se encontrava ocupada àquela hora, o que levou o meu colega a dizer que se tratava de um deserto. Escolheu então com minúcia um taco, fazendo dele o cano de uma espingarda, para verificar se não estava curvado, tirando ainda bem as medidas ao peso, ao estado da sola... O empregado, ao trazer-lhe as bolas, fez acompanhar o cumprimento de um rasgado sorriso, ignorando-me a mim por completo.

Começou depois a jogar de forma displicente, interessando-se mais por me observar, me avaliar. A mesa nada tinha a ver com a que eu melhor conhecia. Um pano praticamente novo era um regalo para os olhos, nunca encontrara tabelas tão eficientes, as bolas não descaíam em qualquer parte do espaço verde...

Na primeira partida, num ápice ficámos ambos a jogar à preta, cabendo a vitória ao meu adversário, que se apoderou de um sorriso duradouramente estampado nos lábios.

-- Jogas bem! Parabéns! Encontrei finalmente alguém à altura...

A partir daí, não recebi mais cumprimentos. O sorriso dele desapareceu e deu lugar a um ar circunspecto. Perdera as três partidas que seguiram. Passou a aplicar-se nervosamente, a dobrar-se mais em cima da mesa para averiguar a posição exacta das bolas, antes de cada tacada dava várias voltas ao rectângulo, afastava cada vez mais as altas e finas pernas, procurando o melhor equilíbrio para atacar a bola. Passou a jogar melhor, empatando a três.

Fomos chamando a atenção de quem chegava e tínhamos já uma dezena de espectadores. Jacaré via-os com desagrado, sugerindo-lhes que fossem jogar para as outras mesas. Fingiram nada ouvir e ficaram desiludidos quando decidimos que tínhamos fome. Saímos dali a correr como crianças, felizes, aos empurrões pelos passeios, a ponto de incomodar transeuntes.

Na marisqueira, onde o Jacaré era sobejamente conhecido, encomendámos, ou melhor, ele encomendou camarão de Espinho. Poucas vezes tinha ainda comido camarão, e nenhuma delas tão bom quanto aquele. Estava calor, a cerveja fresquinha convidava à repetição, o que não recusávamos. Por aquele caminho, se já antes nos encontrávamos bem-dispostos, depois do petisco abusámos e chegámos a incomodar alguns clientes mais pacatos. Apesar disso, o proprietário do estabelecimento não se mostrou minimamente desagradado, a julgar pelos dois copos de cerveja oferecidos “pela casa”, quando trouxe a conta. E que conta! Para o Jacaré pareceu normal, mas para mim não. Apesar de me encontrar com uns copitos a mais, tentei fazer contas à minha mesada e ao que até então tinha gasto. Mas já o meu amigo me puxava pelo braço.

-- Anda daí! Já devem estar à nossa espera...

Eram três magníficas raparigas, todas do meu ano. Três inseparáveis externas que não passavam despercebidas no pátio feminino, constantemente espiado por nós, à nossa mercê do outro lado da rua. Também já me tinha cruzado com elas, quando depois das aulas da tarde saíamos ao mesmo tempo para a vila... inevitavelmente arrebatado, porém conformado por as sentir inalcançáveis... Uma delas, já o sabia, era a namorada do Jacaré, a Maria, loira de olhos claros, com uma cor que parecia mudar de dia para dia. A sua compleição frágil condizia com a magreza do namorado. Completavam-se por outro lado em opostos, sendo ele extrovertido e ela de uma delicadeza tímida. A Dora... bem... a Dora era para mim a rapariga perfeita, intocável, inatingível... Nem conseguia enfrentar o seu olhar fixo e penetrante quando se dignava dar-me esse privilégio. A Dora subjugava-me... A terceira, a Teresa, parecia uma boneca com as suas bochechinhas rosadas, a fazer lembrar uma criança, protegidas por um cabelo muito encaracolado. Vestia talvez melhor do que as outras duas, roupas que a valorizavam e faziam desaparecer dos olhos de quem olhava para ela alguns quilos, que se notariam caso não houvesse esse cuidado.

Depois das apresentações feitas pelo meu colega, fomos pelos passeios das ruas principais da vila, sempre acompanhados pela agradável música vinda dos altifalantes. Os namorados, de mão dada, iam à frente, trocando beijinhos pouco discretos. A Teresa, a Dora e eu, seguíamos mais atrás, sem que alguém entabulasse conversa. A saia, leve e plissada da Dora, dançando a bel-prazer com o vento vento, ao mesmo tempo que o seu cabelo solto, de um castanho-claro brilhante, eram uma visão avassaladora... Bastava a sua presença próxima para poder bendizer a minha existência.

-- Tenho de comprar estas botas para o inverno. Tenho de... Eh! Tás-me a ouvir!?

Apanhado! Depois de os namorados pararem a fim de apreciarem uma montra, tínhamos parado também. Simplesmente, eu olhava para a Dora, que olhava para a montra... Estava noutra mundo, fascinado... A primeira a soltar uma gargalhada foi a Maria. O Jacaré aproximou-se e não perdoou:

-- A Dora hipnotiza-te!?

Gesticulava, com as mãos abertas e os dedos a vibrar à frente dos meus olhos. A Maria dobrava-se a rir, enquanto eu devo ter corado até às orelhas. A Dora baixou um pouco a cabeça e ficou a olhar para mim, esboçando um leve sorriso. A Teresa não percebeu, ou fingiu muito bem.

O próprio Jacaré me tirou do embaraço, puxando-me pelo braço e insistindo para que desse uma opinião sobre as botas.

O jardim público foi a próxima etapa. Sentámo-nos num relvado, procurando ainda a sombra de um dia quente de Outubro. Enquanto recém-chegado, a curiosidade recaiu sobre mim nos primeiros minutos. Maria era a mais curiosa, ou a que mais ousava perguntar. Pois... gostaria eu de ter passagens magníficas para contar, aventuras, vitórias várias... mas não, a minha vida tinha até então o que de mais banal e comum se podia encontrar. O embaraço apoderou-se de mim e as palavras faltaram, porque nada tinha para me valer...

-- É campeão de snooker! Isso já eu constatei hoje de manhã.

A conversa orientou-se de seguida e demoradamente para a vida no colégio. A Teresa começou por se queixar da rivalidade entre alunas externas e internas. Para ela, as internas tinham o colégio como um apanágio seu, vendo nas externas umas intrusas. Deu exemplos do que acontecia nas salas de aulas, no recreio e, ia também dar do que

acontecia nas casas de banho, quando Maria a interrompeu, não aprovando essa abordagem.

-- Conta, conta...

O Jacaré salivava, mas a namorada empinou o nariz e olhou para ele de frente, desafiadora. Foi o bastante.

Os professores, por inerência, foram o tema seguinte. A divergência de opiniões abrangeu a quase totalidade dos docentes que, aparentemente tinham comportamentos diferentes conforme o sexo discente, e também uma tendência para eleger alunas e alunos que descaradamente beneficiavam em detrimento de outros. Como acabara de chegar, uns e outros procuravam a minha anuência, ou pelo menos queriam a minha opinião sobre o que era afirmado. Fui sobrevivendo, tentando um meio caminho entre gregos e troianos, com receio de ferir sensibilidades logo no primeiro encontro. O Jacaré acabou por desanuviar a situação com mais uma das suas oportunas intervenções.

-- Eu gosto mais é da professora de Inglês! E sabem quando mais gosto? Quando vem de saia e se passa connosco. É uma delícia para mim e para o Diogo, que está ao meu lado, mesmo à frente da mesa da professora. Ou nós a irritamos, ou pedimos a outros para o fazerem. Isto porquê? Porque quando irritada, abre automaticamente as pernas até vemos a cor da cuequinha. Por vezes, quando queremos gozar o belo panorama ou confirmar a cor, deixamos cair um lápis para o chão e...

Bolas! Foi mesmo forte. A Maria aplicou uma sonora lamparina na bochecha esquerda do namorado. Ficámos a rezeir outra coisa, mas o Jacaré cobriu-a de beijos, procurando ela em vão afastá-lo. Subitamente, parou, levantou um braço e disse:

-- Tenho uma ideia! Esperem um pouco, volto já!

Dois minutos depois apareceu com uma garrafa de cerveja vazia na mão. Voltou ao seu lugar e pediu que nos sentássemos em círculo.

-- Verdade ou Consequência! Vamos ver quem começa com os lançamentos...

A Dora protestou, não queria jogar. No entanto a Teresa adorou a ideia e conseguiu convencê-la a participar.

A garrafa foi colocada ao centro, rodou em cima da relva e apontou para o primeiro lançador, o próprio Jacaré, que exultou. Para começar, a vítima foi a Teresa, que escolheu Verdade. Talvez das duas a que considerou menos grave ao submeter-se a quem já conhecia muito bem... No entanto, lá veio o que se podia esperar dele:

-- Já agora, também queremos saber... Qual é... qual é a cor da cuequinha...

Desta vez a Maria não se zangou... bem pelo contrário. Obrigou a Teresa a mostrar uma pontinha, que puxou para a anca, confirmando a cor.

Momentos hilariantes seguiram-se. Recordo que durante o jogo tive de subir a uma árvore e lançar de lá o grito do Tarzan para quem passava, fingir de mudo e tentar perguntar às pessoas que passavam por um restaurante... O Jacaré, instado pela Teresa, ficou cinco minutos, cronometrados, a fingir que urinava para um pequeno canteiro com flores, entalado entre o relvado e o caminho. Afastou as pernas, levou as mãos à braguilha, empurrou as ancas para a frente e ali ficou, virando a cabeça de um lado para o outro, com ar de satisfação e de alívio. Quem vinha de frente, percebia logo a brincadeira... no entanto, nós já não podíamos mais aguentar as gargalhadas com a reacção de quem vinha do lado oposto, sobretudo uma velhinha que lhe bateu com a bengala.

A Maria e a Dora foram as mais poupadas nas travessuras.

Porém, o momento mais alto estava ainda para vir. E para mim... no derradeiro lançamento, que coube ao Jacaré. Desatou aos saltos de contente! Por isso, também receando alguma Consequência terrível, escolhi Verdade... Fui aí ao seu encontro, porque o que ele tinha efectivamente em mente cabia nessa escolha.

-- Quem é a rapariga mais bonita do colégio?

A bomba caiu e não rebentou, a julgar pela quietude instalada... Só do silêncio me recordo, porque não olhei para as caras, cravando os olhos embaraçados no chão.

-- Queremos a verdade!... Quem é a mais bela? Quem é?

Tinha de me atirar... não havia escolha.

-- É a Dora...

Receei o pior, sem saber exactamente o que o pior seria... A calma prosseguia no grupo, sem qualquer reacção...

Ousei então, num olhar de relanço, perscrutar a Dora, e quis-me parecer encontrar um leve sorriso naqueles magníficos lábios, o que me trouxe uma ténue esperança de não ficar humilhado.

-- Discordo! Discordo totalmente! Esse rapaz mente! Dora, Teresa, desculpem, mas a mais bela do colégio é a minha Maria!

Repetiu o ataque cerrado de beijos à namorada, vergando-a até próximo da relva. Não sei se terá sido de propósito, mas o Jacaré aliviou desta forma a tensão por si criada. Era de facto um personagem incontornável...

Convidou-nos de seguida para comermos um gelado numa das esplanadas, onde gastámos o resto do tempo que as raparigas traziam autorizado.

Sinto dificuldade em descrever e transmitir a sensação de regozijo sentida na altura, pelo “dever cumprido”. Estava satisfeito comigo próprio e nada mais quis arriscar naquele dia até nos despedirmos, com receio de prejudicar o que tão bem correrá. Fiquei depois ali, parado, a vê-las afastarem-se, sofregamente aproveitando os últimos segundos... A Maria foi-se virando para trás, confidenciando algumas palavras às amigas.

-- Mexe-te, se não queres falhar o jantar!

-- Manuel, quero...

Olhou para trás de si... à procura do Manuel.

-- Está bem. Pois, olha, Jacaré, quero agradecer-te este dia. Foi certamente...

-- Não me deves agradecer a mim, mas sim à Teresa...

-- À Teresa!?! Não percebo...

E desatou a correr em direcção ao colégio, comigo atrás a questioná-lo. As minhas insistências de nada valeram, porque foi impossível acompanhar aquele galgo.

-- Sim, foi um pedido da Teresa. Foi ela que quis a tua presença no dia de hoje.

Já não saímos depois do jantar e ficámos no pátio a preguiçar. Foi ali que finalmente me disparou estas frases. Após o meu silêncio e depois de fazer algumas contas também, acrescentou:

-- A Teresa tem-me perguntado muito por ti... Ficaram agora as coisas complicadas... ou não?

Como podia eu adivinhar!?! Estava arrependido de não ter prestado mais atenção à Teresa... Era bonita, isso sim, no entanto, com os seus “argumentos” a Dora não lhe deixara qualquer oportunidade... Procurei, em vão, deslindar algum momento durante o dia, alguma oportunidade em que a Teresa tivesse denunciado o seu interesse por mim... Possivelmente porque a minha atenção estava obcecada, monopolizada em absoluto...

-- Nada ficou decidido para amanhã. Vamos encontrar-nos com elas?

-- Ficou decidido, sim senhor! Amanhã não há nada para ninguém. Todas ocupadas com tarefas familiares...

Depois do jantar ainda me distraí com as travessuras do Jacaré na camarata, trazendo tréguas aos meus pensamentos que se digladiavam. Tínhamos ido buscar um agasalho, porque começara já a refrescar, contrastando com o bonito e quente dia, quando lhe surgiu a ideia. Olhou para as camas dos gémeos e disse:

-- Não posso com estes gajos maldispostos! O papá não os veio buscar este fim-de-semana, ainda estão mais intragáveis...

Os gémeos tinham discutido a sério com uma das senhoras da cozinha. Já estávamos a concluir a refeição quando eles chegaram. Não sei se foi por algum reparo da senhora pelo atraso, ou se por outro motivo, mas ambos a amachucaram... foi este o termo utilizado por um colega de mesa. Mantiveram-se por isso até mais tarde no refeitório.

-- Fica aí à espreita, são três minutos...

Na primeira cama, depois de retirar a colcha e o cobertor, soltou do fundo o lençol de cima, o qual dobrou de forma a passar por baixo do travesseiro, fazendo uma

espécie de saco a meio. Depois de tudo repor como estava, correu para a casa de banho e trouxe de lá um copo com água, que passou com cuidado por entre os lençóis da segunda cama e acabou por a verter de uma só vez a meio.

Sentados no último degrau da escadaria de acesso ao último piso, com uma vista privilegiada sobre o pátio das raparigas, apreciávamos as movimentações do outro lado da rua. O jogo era duplo, porque elas também não se preocupavam em disfarçar, nem os olhares nem os comentários.

-- Vês aquela de amarelo, com o cabelo curto!?! É a Beatriz. Andei com ela no início do ano passado. Não dá... Com internas não dá. É pena, porque há ali borrachinhos!

O tempo passou até vermos passar lá em baixo os gémeos, que pareciam dirigir-se às camaratas. Então o Jacaré sentenciou:

-- Dá-lhes uma boa meia hora, só depois aparecemos por lá...

Parecia fazerem de propósito. Saíam para outras camaratas e voltavam, trocavam roupa de lugar, até o escovar dos dentes pareceu uma eternidade... Nunca mais!... Acabámos mesmo por nos deitar antes deles.

-- Mas o que é que...

Acabara de cair o primeiro. Metera-se na cama, que acabava a meio, e tentava forçar a entrada com os pés. Já sentados nas nossas camas, sustínhamos as gargalhadas e a conseqüente denúncia. O inocente Jacaré quis saber o que se passava. E obteve como resposta:

-- Hei-de descobrir! Hei-de saber quem foi!

Furioso, mas sem qualquer solução, refez a cama e deitou-se a praguejar.

O seu irmão ainda demorou a vestir um pijama de quente tecido de flanela, complementado por um par de espessas meias, preparando-se para as noites frias, em contraste com os dias ainda amenos. Era muito friorento. Parecia desconfiar de alguma coisa, lançando olhares na nossa direcção. Finalmente abriu a cama, baixou-se e espreitou lá para dentro. Ao mesmo tempo, trocava eu olhares com o Jacaré, que visivelmente sentia dificuldade em conter as gargalhadas. A surpresa estava no entanto para chegar. Desligou as luzes, deitou-se, aconchegou-se, sem qualquer tipo de queixa. Só volvido algum tempo, talvez o suficiente para o tecido do pijama ficar repassado, começámos a ouvir remexer para os lados da sua cama. Fomos então crivados por um ror de palavrões disparados a altos decibéis. Foi ligar as luzes, dirigiu-se de novo para a cama e constatou o inevitável.

-- Se apanho o filho da puta que me fez isto, parto-o todo!

Apoderou-se dele tamanha raiva que o levou a aplicar dois murros e um pontapé na parede junto à cabeceira da sua cama. Com o alarido, não tardou que o vigilante se apresentasse, seguido de alguns curiosos das camaratas vizinhas.

-- Mijou-se todo!

A frase saiu da boca de onde menos se esperava, a do vigilante. Ninguém se susteve. Em coro as gargalhadas soltaram-se sem fim. A humilhação foi avassaladora. Recordo que a partir daí lhe ficou colada a alcunha de “irmão mijão”, quando os queríamos distinguir.

Devo ter dormido três ou quatro horas. Um burburinho instalou-se na minha cabeça, impedindo-me de dormir, na tentativa de arrumar as ideias. Era tudo inacreditável, impensável, demasiado bom para me estar acontecer, a mim...

Acordei de um sonho em que a Dora me dava a mão e passeávamos num local idílico, quando subitamente sentimos um sismo. Era o Jacaré que me sacudia desalmadamente a cama, porque estávamos muito atrasados para o pequeno-almoço.

-- Até nos podíamos dar ao luxo de tomar um galãozinho com bolos, mas ontem gastámos demais...

Ele tinha razão. A minha mesada não me permitiria repetir muitos dias assim...

A manhã, passada na vila com a recordação do dia anterior, foi uma decepção. O Jacaré conhecia alunos externos com os quais conviveu e se divertiu, sendo eu pouco mais do que um espectador. A certa altura, estando nós sentados numa esplanada, vi a Maria passar do outro lado da rua, na companhia de uma senhora. Chamei logo a atenção do meu colega, que muito naturalmente lhe fez um aceno, sendo correspondido. Desatei insistentemente a olhar em redor, não fosse o caso de aparecer também a Dora ou a Teresa... Sobre essa eventualidade, depois de questionado ainda nessa manhã, o Jacaré afirmou que era muito remota essa probabilidade, porque só a sua namorada morava na vila. As outras duas residiam a três quilómetros dali, para onde apanhavam um autocarro depois da aulas.

Como almejava eu pela segunda-feira!

Depois do almoço, queria ficar pelo colégio. Pretendia fugir à repetição do que se passara da parte da manhã e organizar algumas coisas para a semana de aulas. Mas o Jacaré não consentiu. Havia um assunto muito importante à espera dos dois.

O salão de jogos dos Bombeiros Voluntários parecia um arraial. Todas as mesas se encontravam ocupadas, havendo uma lista de espera com nomes ordenados numa folha de papel guardada pelo funcionário.

-- Vamos embora! Nunca mais chega a nossa vez...

Nem me respondeu e fez-me sinal para o seguir até ao fundo da sala. Aí, virou à direita por um pequeno corredor, empurrou uma porta e tivemos acesso a uma sala com outra mesa de jogo. Havia à vontade duas dezenas de pessoas que presenciavam duas outras em jogo. Um jogo estranho, onde se jogava indiscriminadamente a qualquer bola e se apontava o número da que se embolsava num caderno em cima de uma pequena mesa. Havia silêncio e tensão durante as tacadas, contrariamente ao salão do lado. Só quando o jogo terminava havia lugar a um sururu de total descompressão. Aí, verificava-se uma de três soluções: ou continuavam os dois contendores a jogar, ou um desistia e continuava o outro com novo adversário, ou saíam os dois, para dar lugar a novo par. A determinado momento, numa pausa, o meu amigo fez-me sinal para o seguir em direcção à saída.

-- Então pá, hoje foges!?

-- Vou beber qualquer coisa. Volto já!

Num dos cantos do salão, envolvidos por todo o bulício, com as mãos abertas ao nível do rosto a abanar em todos os sentidos, o Jacaré apresentou-me a estratégia a colocarmos em prática:

-- Aos sábados e aos domingos à tarde, ali joga-se a dinheiro. Reparei que achaste o jogo estranho. E é. Como sabes muito bem, as bolas estão marcadas de um a quinze. Assim, em cada jogo estão em cima da mesa cento e vinte pontos. Jogamos ali a tostão por ponto. No final, somas os teus pontos, subtraís os do teu adversário e são os tostões que ganhas. Que ganhas! Porque jogas muito mais do que qualquer um deles. A esse propósito, ainda não te perguntei onde aprendeste a jogar assim... Olha, há ali indivíduos viciados nisto! Mesmo a perder, e muito, já os vi quererem subir a parada para cinco tostões por ponto! Talvez na esperança de recuperarem o que perderam... Ora, tanto eu como tu, numa boa tacada somos capazes de embolsar as quinze bolas. Já vês o que isto representa? Em menos de cinco minutos são doze escudos! No entanto, desde o ano passado que tenho cuidado. Se fosse ganancioso e ganhasse sempre, nunca mais quereriam jogar comigo. Por isso, e custou-me muito, deixei-me perder algumas vezes. Agora, o que quero combinar contigo, desde que estejas de acordo, é que ganhemos sempre! Para isso, temos de fazer parte de uma equipa que tudo partilha. No dia em que um se deixar perder, o que tem de ser sempre pouco, o outro ganha, e deve ser muito. Uma vez lá fora, fazemos o balanço e dividimos. Teremos um ou dois dias neutros, para disfarçar... Quis que visses o ambiente antes de te apresentar o plano. Alinhas?

-- Claro que alinhos. No entanto, antes de jogar a sério havia de treinar um pouco contigo. Não deixa de me parecer estranho aquele...

-- É a coisa mais simples! As bolas que contam são logicamente as de número mais elevado. As outras servem simplesmente para preparar a jogada seguinte. Mais nada. Não sei se percebeste, mas quem está na mesa e ganha, desde que o adversário desista, pode ser desafiado por qualquer um. E estás à vontade, porque os conheço e são

favas contadas. Mas, nunca saias com o teu jogo todo, nunca humilhes um gajo que te está a pagar. Podes até oferecer-lhe depois um copo ali no bar...

-- Isso já me custa mais um pouco. Não são estudantes, nem sei do que falar com eles...

-- De futebol e de snooker. É do que eles mais gostam. E já o snooker é de admirar... De qualquer forma eu estou sempre por perto e meto o bedelho na conversa.

-- Pelo menos agora, no início, agradeço.

-- Precisamos de dinheiro, de dinheirinho, para as miúdas e para nós! Vamos... hoje perdes três ou quatro escudos, porque não convém entrares e ganhares logo, e eu ganho vinte ou trinta. Aquele palerma que me perguntou se hoje fugia é um dos meus bombos da festa. Vou já ver se está interessado. Deve estar... é mesmo burro! E oxalá não aprenda.

Não gostei de ouvir o Jacaré falar assim de alguém que não conhecia, mas que me parecera simpático, uma figura de onde se destacavam as bochechas salientes e um sorriso de criança. No entanto, o meu amigo virara costas e avançava já para o seu propósito, que eu também acabara de abraçar...

A Dora adoeceu e faltou às aulas durante toda a semana. A Teresa trouxe-nos a informação logo na segunda-feira. Na boleia do Jacaré e da Maria, todos os dias a acompanhei depois das aulas até ao centro da vila, de onde saía o autocarro para sua

casa. Dependendo dos dias e das aulas, esperámos entre escassos minutos a mais de meia hora pelo autocarro. Os dois namorados saíam então connosco, acompanhavam-nos desde o colégio até ao largo, mas depois desapareciam como se alguma urgência instasse por eles. Nalguns dias o tempo passou depressa, houve sempre qualquer assunto para consumir o tempo, mas noutros, com especial incidência na sexta-feira, ficámos os dois naquele espaço semi-ajardinado e não houve fio de conversa possível. Fomos dominados pelo tempo, que nos levou a conversas silenciosas e olhares confidentes, denunciadores, confessionais... Fiquei certo de haver ali, sustentação, alicerces, mais do que suficientes para termos partilhado momentos felizes nesta longa caminhada da vida...

-- O velho explora-me até mais não poder!... Precisa de mim este fim-de-semana. Depois conto-te...

Saiu da camarata a correr. O pai devia esperar por ele lá fora. Na sexta-feira à tarde era sempre a mesma debandada geral. Sem Jacaré, fiquei de novo a olhar em redor de mim, como até então fizera. Naqueles dias, a reboque dele, tudo ganhara outro sentido. Era de facto aliciante viver àquele ritmo desenfreado...

Ficaram daquela vez comigo o Robalo e o Trovisco. Meia camarata. Eram dois amigos meticolosos, organizados, crominhos de boas notas e apaixonados por banda desenhada, o único hobby que pareciam ter. Bem, o Trovisco tinha outro de que não prescindia com muita regularidade. À noite, na cama, esfolava a verga a arfar,

incomodando os restantes, sobretudo os gémeos, ao lado dele, os quais uma noite lhe remataram um “ou nos deixas dormir ou levas já uma surra!”

-- Namoras com a Teresa?

-- O que é que tens a ver com isso!?

Fui duro com o Robalo. No entanto, como é que aquele indivíduo, que jamais me perguntara qual era o meu nome, de onde vinha, porque vinha, do que eu gostava ou não, enfim, nunca se interessou por mim... disparou uma pergunta daquelas?

Não saí do colégio nos dois dias seguintes. Tudo o que fiz foi comer e passar todo o tempo na biblioteca a rever matérias, que bem atrasadas se encontravam.

No domingo à noite, já na camarata, tivemos de volta o Jacaré. Entrou, fechou a porta atrás de si e encostou-se a ela. Com os braços levantados, exibiu triunfalmente aos outros cinco o que trouxera. Numa mão, dois belos chouriços, na outra, uma garrafa de vinho.

-- Meus senhores! Tudo para ser consumido à ceia! Com pão quente!

-- Qual pão?

-- O que formos buscar à padaria à uma da manhã!

Nenhum dos cinco compreendeu como seria possível, sabendo que as portas do colégio eram fechadas à chave pelas dez horas da noite. O Trovisco chamou logo a atenção para esse e para outros problemas...

-- Pela janela! Nada mais simples do que isso. Janela... pátio... portão saltado... rua... padaria.

A indicação do percurso foi efectuada pelo Jacaré, avançando curvado e olhando o chão, em bicos de pés, como se receasse pisar alguma coisa estranha, sempre com os braços bem abertos...

-- Eu ofereço o chouriço e o vinho. Mas, mas, quem quiser comer e beber, ou vai à padaria, ou fica e paga o pão.

Estava eu enganado ao pensar que os outros quatro se iriam recusar a participar de qualquer forma. Mais ainda quando o Trovisco se aprontou a participar na aventura. O Jacaré já me indigitara para o acompanhar, não me deixando escolha...

Só quem participa neste tipo de aventuras consegue perceber o que insuspeitamente tem escondido dentro de si. Só ele fica a conhecer as surpresas magníficas que o nosso corpo nos reserva e nos faz sentir caso o ponhamos à prova. Sem provação não se consegue imaginar a adrenalina sentida pela procura de um fruto proibido, pela ousadia de desafiar o considerado impossível, pelo momento de saltar daquela janela para o pátio, pelo rasar das paredes onde havia candeeiros ou postes de iluminação, evitando ser descoberto por algum funcionário ou pelo doutor Zeca, pela coragem de bater com toda a força àquela grande porta das traseiras da padaria e atingir o objectivo.

As nossas emoções beneficiaram de uma pausa quando nos abriram a porta e à espera ficámos a presenciar toda a azáfama daqueles trabalhadores, exercendo uma actividade a contra-ciclo com o horário do comum dos mortais. Não por muito tempo, porque com o pão a escaldar dentro do saco de papel, passando à vez pelas mãos dos três, dado que não se aguentava por muito tempo, tínhamos centenas de metros até ao colégio para cumprir.

Como se não bastasse, já na rua do colégio, o Jacaré demonstrou que ainda tinha estofo para mais do que nós dois juntos. Entregou o pão ao Trovisco e galgou o portão para o pátio das raparigas...

-- Então!? É por aqui!

Num grito abafado pelo pânico, aquelas pérolas saíram da boca do nosso colega, com a cabeça tão quente quanto as mãos.

-- Porra! Ainda bem que me avisaste!

Vinha morto de rir quando chegou de novo junto a nós. O Trovisco dando-se conta do ridículo da sua intervenção, ficou meio enraivecido, ao mesmo tempo que em descompressão.

-- Vai pró caralho!

-- Não vou nada! Prefiro ir comer pão com chouriço e beber um copo!

Com um salto agarrámos a pedra do parapeito da janela, elevámos o corpo até lá com facilidade, empurrámos um batente e eis-nos de novo na camarata.

Tenho experimentado comer pão com chouriço por todo o lado, cheguei mesmo a experimentar comê-lo à mesma hora, e certamente com melhores vinhos, mas nunca

mais o sabor equivaleu àquele. Seis bocas ávidas devoraram o que havia e mais devorariam se houvesse...

A Dora ainda apresentava uma voz rouca, o que para mim lhe trazia um charme acrescido. Vira-a, ou melhor, espreitara-a já da parte da manhã no pátio. Acenara com a mão e conseguira ver como resposta um sorriso. O mesmo que lhe encontrei depois das aulas, enquanto caminhávamos em direcção ao centro da vila e da paragem do autocarro. O Jacaré ia mais à frente e tinha embicado com o casaco de malha da Teresa. Queria a todo o custo tirar-lho para o experimentar... no que ela não consentia e fugia. A Maria procurava pôr o namorado na ordem e nós dois caminhávamos mais atrás. Foi a altura em que me enchi de coragem e não sei se com a mão a tremer, a levei até à da Dora. Ainda agora me recordo perfeitamente da suavidade encontrada na sua mão, e do arrepio absolutamente indescritível que senti. E ela deixou ficar a mão, acrescentando um sorriso ao procurar os meus olhos...

A felicidade em estado puro! A justificação plena de uma existência! O néctar dos néctares de que uma vida pode desfrutar! A minha interpretação da palavra Éden.

Palavras não tiveram lugar naquele momento. Eram certamente supérfluas, ou possivelmente achámos que não as havia merecedoras do momento... E assim, de mãos dadas continuámos até termos de nos desviar da Isabel e do Jacaré, que voltavam para trás a correr, ela com o casaco já só meio vestido e ele a puxar na outra manga solta. De nada se aperceberam.

Lá à frente o autocarro já se encontrava na paragem e tivemos de acelerar o passo. A Dora foi a última da fila e antes de entrar ainda lhe sussurrei:

-- Este é o dia mais feliz da minha vida...

-- Também o meu.

Tornou-se inevitável aquele beijo fugaz. Fugaz, mas o primeiro da minha vida...

Fiquei imóvel até o autocarro se esconder na esquina dos prédios. Quando dei por mim e procurei a Maria e o Jacaré, já tinham, como era hábito, desaparecido. Sozinho me encontrei, mas muito acompanhado me senti a caminho do colégio. O mundo tinha agora outra cor, a de uma felicidade etérea até então desconhecida, e outro sabor... o dos lábios da Dora!

No início da rua do colégio, parei. Fiquei ali a olhar para os portões lá à frente, a ouvir os gritos vindos dos dois pátios. Não encontrei qualquer justificação para ali entrar. O meu mundo passara a ser outro. E o momento precisava de ser prolongado noutras companhias ou noutra sítio.

Voltei para a vila e procurei encontrar o lugar exacto onde teria os pés aquando do beijo. A indecisão levou tempo, até que finalmente fechei os olhos e avancei com os lábios, como se a Dora ainda ali se encontrasse. Sorridente, por dentro e por fora, deambulei depois por ali, sem sentir as pedras da calçada.

Bafejado por esta aura de êxtase, passei em frente do Café Aviz, o mais selecto da vila, onde se lia na parede da entrada em letras douradas, “Reservado o Direito de Admissão”. Achei de repente que era o local certo para frequentar naquele dia. Entrei, sentei-me e pedi algo diferente do habitual. Um Porto. Gostei de ser servido por um empregado vestido a rigor, que pareceu hesitar aquando do meu pedido. Fui saboreando

o delicioso líquido a pequenos goles. A certo momento percebi que estava a chamar a atenção de algumas pessoas nas mesas contíguas. Com efeito, calculo que disso se tratava, proporcionava algumas observações críticas, pois não era, e talvez ainda não seja comum ver um jovem pedir e bebericar um Vinho do Porto. Nada me incomodou o facto, porque nesse dia até apreciava que as pessoas olhassem para mim, dessem conta de mim. Já que não lhes podia contar a minha felicidade, pelo menos que não passasse despercebido...

Bem servido, o Porto acelerou-me ainda mais os ânimos. Pedi um segundo.

Numa mesa próxima do balcão, notei que quatro homens falavam certamente de mim, pelos rostos que se viravam na minha direcção, pelos comentários e pelas gargalhadas sonoras que certamente me atingiam. A certa altura, levantei o cálice e fiz um brinde a um deles, aquele que mais fazia questão de me fixar e fazer comentários para os restantes. Parou aí a galhofa!... Ficou com um ar severo e chamou de imediato o empregado. Nesse mesmo momento, considerei ter ultrapassado os limites, embora possivelmente em justa causa, mas julguei ter provocado alguém. Como tinha pago no acto da entrega, calma e sensatamente me levantei e saí.

Ainda não tinha dado dez passos no passeio, quando alguém vindo de trás me tapou os olhos com as mãos, e uma voz distorcida me perguntou de quem se tratava.

-- Estou a hesitar. Será o Manuel? Será o Jacaré?

A Maria ainda estava com ele e aproveitei logo para dar a notícia.

-- Conseguem adivinhar porque estou feliz?

-- Porque ontem comeste pão com chouriço!

-- Porque eu e a Dora gostamos um do outro!

A Maria ficou muito séria, como se estivesse a pensar noutra coisa e a fixar-me. Aproximou-se depois e deixou-me um beijo em cada face. O Jacaré desatara aos pulos e gritos pelo passeio. Veio depois de lá, abriu os braços e envolveu-me neles...

Na terça-feira, depois da última aula aguardámos frente à pastelaria pelas raparigas, que se demoravam mais do que o habitual. A chuva guardara rapazes e raparigas debaixo de telha, impedindo o delicioso jogo cruzado, à distância de uma rua. Ainda não vira a Dora, por consequência. Estava intranquilo e o Jacaré disse se deu conta.

-- Não te preocupes... Tens de te habituar a esperar pelas mulheres. É dos maiores castigos que Deus deu aos homens. Estou a repetir o que o meu pai diz quase todos os dias. Mas olha lá, já ontem te queria perguntar isso. O que estavas a fazer no Aviz?

Nada escondi. Não tive pejo em lhe contar o motivo que me levou até lá, e acrescentei o sucedido com os senhores da mesa próxima do balcão.

-- Pois... É o café da elite, de quem manda cá na vila. Entrei lá duas ou três vezes para comprar tabaco. Aquilo tem um ar pesado, com todo aquele revestimento de madeira escura que parece...

Tudo passou para plano secundário quando subitamente muitas palavras e gargalhadas femininas se impuseram. Dezenas de raparigas externas saíam ao mesmo tempo. Entre as primeiras vinha a Maria, que passou por nós fingindo não nos ver. Era uma brincadeira entre muitas outras daquele original par. O Jacaré correu para ela e cobriu-a de beijos. Pegou-lhe de seguida ao colo e atirou-a ao ar repetidamente, fazendo fugir as colegas que já os tinham alcançado. A Teresa e a Dora chegaram entre as últimas, e notei que a segunda arrastava o passo a deixar-se ficar mais para trás. Gostaria de ter pedido mais calma ao meu coração, que galopava, contrariamente aos passos da Dora, que trouxe consigo o meu segundo beijo. Mesmo assim, não passou despercebido a algumas daquelas que garantidamente também de forma propositada atrasaram o passo. Depois de uns gritinhos ariscos, vimos e ouvimos cochichar...

O Jacaré tomou a iniciativa, convidando-nos para o seguirmos, pelo que praticamente continuámos com aquele grupo de raparigas até ao centro da vila. Aí, pediu-nos que esperássemos pela dispersão total. A sua atitude tornou-se intrigante para mim, para a Dora e para a Teresa. A Maria, notoriamente sabia do que se tratava, porque colaborava, controlando quem ainda por ali se encontrava. Quando julgou chegado o tempo certo, levantou-se do banco de jardim e disse que nos ia mostrar o local secreto dele e da Maria.

O local era logo ali, no recanto de uma das pontas da praça central da vila. Havia um café que apresentava uma configuração curiosa. Contrastando com a enorme esplanada no exterior, o rés-do-chão era bastante estreito e muito comprido. Havia um balcão à direita, apertado contra a parede, servido de assentos individuais em cima de varões metálicos cravados no chão. À esquerda, uma fila de mesas pequenas, encostadas à outra parede, só com duas cadeiras cada, no sentido paralelo à parede. Ao centro, restava um estreito corredor por onde passámos em fila indiana. Ao fundo, à esquerda,

havia umas escadas com degraus forrados a madeira, por onde seguimos o Jacaré. No patamar do primeiro andar vimos um longo corredor com portas só para um lado, mas continuámos pelas escadas de acesso ao piso de cima.

Quem ainda não conhecia, pasmou perante o que ali se lhe era oferecido ver. Um sótão. Um espaço amplo, enorme, com decoração rústica, forrado a madeira tosca de pinheiro nas paredes e no tecto. Ao centro, no local com maior pé-direito, havia um bar, também em madeira, mas completamente vazio, nem uma garrafa nem um copo se avistavam. O mobiliário era composto por mesas baixas também de madeira, contornadas por cadeirões, pequenos sofás e pufes. Não havia ali mais ninguém.

-- Digam-me o que querem. Vou lá abaixo pedir. Mas diz lá... o que é que achas disto? Ainda me pergunto o que o dono quis fazer com isto, se uma discoteca, se um simples bar. Está sempre às moscas, ninguém conhece este sítio. É incrível!

Virou costas e foi fazer a encomenda, enquanto nós ainda inspeccionávamos o local. A Maria aproveitou e quis deixar um aviso:

-- Não convém divulgar a existência deste refúgio. Pelo menos nós dois temo-lo deixado preservado.

Um empregado trouxe depois as cervejas e os sumos e saiu de imediato, tal como o Jacaré e a Maria, mas estes para um dos beirais. Deixámos praticamente de os ver, pela escassez de luz nesses dois pontos da comprida divisão. Tornaram-se no entanto audíveis as interjeições e os beijos mais incisivos.

As melhoras da Dora, o motivo de terem chegado atrasadas, pela apresentação de um projecto da directora destinado à organização de um sarau com intervenientes do colégio, as aulas e outras conversas esgotaram-se num ápice. Dei-me, ou demo-nos

então conta de quão a Teresa estava ali a mais... Trocámos ainda alguns beijos, quase furtivos, condenados a ficarem desprovidos do inerente conteúdo que requeriam.

No dia imediato voltámos ao sótão e a Teresa encontrou uma qualquer justificação para não estar presente. A Dora mostrou-se então preocupada com a grande amiga.

-- Não sei o que se passa com ela. Perdeu muita da alegria que sempre teve. Tem andado triste...

-- É o amor que não assiste...

Desconheço em que sentido o Jacaré terá falado, mas a Dora não concordou.

-- Isso não é verdade. Não o devia dizer, mas desde o início do ano teve três propostas de namoro e recusou-as todas. E só ali no colégio já lhe entregaram umas quantas mensagens! É capaz, sim, de ter a ver com a família, mas isso são outras coisas e muito complicadas...

E fomos para a nossa privacidade do sótão. Local da transcendência sentimental, o início de um progressivo conhecimento anatómico mútuo. Com cedências a milímetro e muito compassadas da parte da minha namorada.

Deparei então com outra realidade no colégio. Passei a ser cumprimentado por todos, mesmo pelos mais velhos, a ver sorrisos surpreendentes em todos os corredores, a ser questionado pelos mais ousados acerca do meu namoro e a ser congratulado. Um perfeito rastilho de pólvora. Aparentemente, pouco se podia esconder naquela redoma. A prova de que a notícia se espalhara também no lado do internato feminino verifiquei-a no refeitório, quando ao passarem perto no refeitório elas me mediam com os olhos, que atardavam, em meu entender para me avaliarem em relação a quem namorava...

Questionei a esse propósito a Dora, na sexta-feira, para saber se notara alguma diferença no comportamento das demais.

-- Não consigo compreender o que se passou, mas aconteceu mesmo qualquer coisa. Algumas deixaram de me falar. Outras até pagariam para saber onde nós vamos, o que fazemos, e uma delas até quis saber que intimidades temos! Já imaginaste!? Mas são sobretudo as internas, porque das externas só duas ou três me abordaram para falar sobre nós.

Apesar de nesse sábado não poder, por ter de acompanhar a mãe a Coimbra, a Dora garantiu-me que conseguiria doravante vir à vila em quase todos, sob pretextos a encontrar, entre eles o de estudar com a Maria.

O Jacaré ficou no colégio esse fim-de-semana. Sabendo que se ia encontrar com a namorada, não o acompanhei no sábado e aproveitei para na sala de estudo rever alguma matéria atrasada, e também rever outras situações descuidadas, como a de roupa amontoada e amarrotada.

O domingo, chuvoso da parte da manhã travou-nos intramuros. Sem nada para fazer, as horas eram uma autêntica tortura. Nada do que por ali se fazia se enquadrava connosco, nada nos satisfazia. Quase tínhamos dó de quem jogava cartas, dominó ou outros jogos, de quem até ao domingo lia, de quem no ginásio dava pontapés numa bola, e mesmo de quem simplesmente ficava a espreitar para o pátio feminino.

O clima melhorou na parte da tarde, havendo ainda alguns chuviscos esparsos que não nos fizeram frente. Fomos em demanda de al...

-- Apetece-me um cálice de Porto!

Achei piada à ideia e como setas rumámos ao Café Aviz. Logo à entrada vimos o nosso intento forçado a falhar, na medida em que nenhuma das mesas se encontrava vaga. Virávamos costas, quando três pessoas mesmo ao nosso lado se levantaram, libertando a mesa. O empregado, aquele já por mim conhecido, não demorou e franziu o sobrolho quando ouviu o pedido. O meu colega tomara a pose de quem está numa formatura, do assento da cadeira para cima, só revirando os olhos para observar os outros clientes. Ninguém pareceu ter reparado na sua atitude teatral até sermos servidos. A partir daí foi o oposto, porque o Jacaré estava mesmo disposto a chamar a atenção. Na mesma pose, bebericava o vinho e produzia sons oclusivos após... não se pode dizer cada gole, mas sim cada beijo dado no rebordo do cálice. À nossa volta havia quem lhe achasse piada, o que me tranquilizava. No entanto, não sei de onde surgiu o mesmo indivíduo a quem eu fizera o brinde alguns dias atrás. Ao balcão falava com um

empregado e apontando na nossa direcção. Este último, logo de seguida, com o pano branco pendurado no braço esquerdo, curvado em cima do proeminente estômago, debitou a mensagem imperativa.

-- O Senhor Presidente manda-os sair.

Levámos algum tempo a recuperar. O Jacaré olhou para mim, possivelmente à procura de uma decisão que eu tomasse.

-- É o mesmo tipo deste dia, aquele a quem fiz o brinde. Quem será?

O meu amigo quis desde logo tirar a dúvida e dirigiu-se ao empregado.

-- Diga-nos, por favor, quem é aquele senhor e o motivo por que nos quer expulsar daqui.

Nem a uma nem a outra instância respondeu. Virou costas e foi ter com o mesmo indivíduo, um cinquentão atlético de um metro e oitenta, o queixo empinado, que não se fora sentar e perscrutava o decorrer dos acontecimentos. Ouviu as primeiras palavras do empregado e deixou-o a falar sozinho, avançando na nossa direcção.

-- Pensam que podem vir para aqui gozar connosco!? Rua, de imediato!

O meu amigo fingiu beber no cálice já vazio e dois estalos sonoros com a língua foram a resposta.

A partir dali foi tudo muito rápido. O Jacaré não teve tempo para reagir a uma sola de sapato que veio lá de baixo e se aplicou na sua cara, fazendo-o estatelar-se de costas e ficar de pernas para o ar.

No anterior colégio, realmente pouca coisa aprendera. Entre essa pouca, incluo o instinto de sobrevivência. Foi no início uma penosa aprendizagem, até chegar à

conclusão de que não devia perder tempo nas minudências das lutas que ali se desencadeavam por tudo e por nada. Ganhei a alcunha de “felino” por ser rápido e eficaz nas contendidas. Então... aquela terceira cadeira da nossa mesa ganhou asas e foi ter com a cabeça do agressor.

O Jacaré sangrava de um sobrolho quando se levantou ainda a titubear. Puxei-o pelo braço e satisfizemos a vontade do indivíduo, que parecia abraçar o chão, não só de braços como de pernas abertas.

Até ao colégio foi limpando o sangue com a manga da camisa. Rumámos à camarata e depois de lavada a ferida na casa de banho, constatei que não era muito grave. A pequena ferida, com meio centímetro, ficava ainda disfarçada pela pilosidade. Não fora o inchaço, pouco se daria por ela.

Mudava de roupa, quando parou e ficou imóvel a olhar para mim.

-- Estamos tramados! Vamos ser expulsos!

Não, isso não! Isso era algo que não podia acontecer! Era inconcebível! Uma profusão de ideias em colisão impediu-me de ouvir o que o meu colega continuou a dizer...

E a Dora! A minha Dora! Não, não podia ser... Senti-me perdido.

Sáímos destroçados da camarata, em silêncio. A chuva caía naquele momento com grande intensidade. Sem sabermos o que fazer, fomos encontrar o mesmo quadro que deixáramos cerca de uma hora atrás... Com uma enorme diferença! Tudo o que nas actividades dos nossos colegas acháramos ridículo, desprezível, apresentava agora uma tranquilidade e uma segurança tremendamente invejáveis...

Regressámos acompanhados de todas as preocupações à camarata. Deitámo-nos em cima das colchas, fixámos o tecto e revimos a situação do café.

-- Porra! Eu posso beber o que quero e como quero! Não me estava a meter com ninguém!

-- Quem será o tipo? Presidente do quê? Por que é que o empregado não quis dizer?

-- Sei lá... Nunca o vi por aí. Ele é que me viu depressa demais!...

Como se nos tivessem ligado à corrente ao mesmo tempo, desatámos ambos a rir compulsivamente.

-- Bem! Se estamos a rir, é porque a coisa não está tão mal como isso... Mas, o que é que lhe fizeste? Só dei com o gajo caído ao meu lado, com uma bocarra aberta e os olhos muito arregalados...

Quem estava com os olhos menos arregalados era o Doutor Zeca, que irrompera por ali adentro, depois de empurrar violentamente a porta. Não sei o que o Jacaré sentiu, mas eu fiquei aterrorizado. Saltámos das camas, e recuámos, acossados, até à parede. Nunca estivera tão perto do homem, que apresentava uma considerável largura de ombros no alto do seu mais de metro e oitenta. Abriu os braços, numa impressionante envergadura, mediu-nos de alto a baixo com olhos curiosos, e só depois interveio, numa voz surpreendentemente baixa:

-- Recebi um telefonema... Agora contem-me vocês o que se passou.

-- Doutor Zeca...

-- Tu não, Jacaré! Deixa falar o teu colega.

Bolas! A garganta secou... Depois, penso que fiz um relato fidedigno do que se passou, não poupando os gestos do Jacaré, nem os meus de alguns dias atrás. O homem ouviu tudo sem interromper, acenando afirmativamente com a cabeça e depois... depois, virou costas e saiu... sem uma palavra.

Já recompostos daquele turbilhão, apresentámos a nós próprios mil conjecturas para tal comportamento, até que o meu colega rematou:

-- Vou começar a fazer as malas...

Um após outro, os internos foram aparecendo na camarata. Todos queriam saber o motivo da presença do Doutor Zeca naquele local. Os últimos a chegar tinham-no visto pegar no carro e sair a alta velocidade.

-- O que estás a fazer Jacaré?

Um empurrão violento ao inquiridor silenciou os curiosos. Parou de fazer as malas e fez-me sinal para saímos dali.

Para não irmos muito longe...

O jantar não passava na garganta. O tabuleiro foi devolvido praticamente intacto. Todos sabiam já que algo muito grave tinha acontecido. Mesmo as raparigas, que das suas mesas tinham perdido a habitual discrição ao olharem para o sector masculino.

Deitámo-nos sem conhecermos qualquer desenvolvimento. Já não conseguia pensar, com a cabeça torturada por hipóteses, todas elas com final desastroso.

Na segunda-feira, tudo parecia ter regressado à normalidade, com o pequeno-almoço, as aulas, o ritmo de um quotidiano regular em tudo, excepto nos intervalos, quando com o meu colega íamos para junto do portão e trocávamos gestos e palavras

para o outro lado da rua, tão discretamente quanto possível, porque era proibido fazê-lo. Procurávamos dar informações à Maria e à Dora, o que se tornou complicado, pela presença de outras raparigas que não pretendiam perder pitada.

A hora de almoço chegou, e com ela a convocatória para o gabinete do Doutor Zeca. Prontos para a inevitabilidade, percorremos os corredores, já acompanhados por uma dolorosa nostalgia...

A corpulência do Doutor Zeca desaparecia atrás da maior secretária que vi na minha vida. De lá nos fixou como se fosse a primeira vez. Lembro-me que tinha um lápis na mão com o qual batia na espessa madeira escura do tampo. Os meus ouvidos ainda se assustam com a presença do som que fazia... Deixou-o depois cair e contornou o móvel para vir ter connosco.

-- Saiu hoje do hospital! Teve alta há cerca de uma hora.

Virou costas, afastou-se até à janela, enquanto nós dois nos entreolhávamos, conformados com a inevitabilidade que viesse. Rodou depois sobre os tacões dos sapatos e aproximou-se de novo.

-- Tenho os meus informadores por todo o lado. A vossa versão dos acontecimentos está correcta. Vocês, menores, foram agredidos e em legítima defesa agiram. Disponho de gente pronta a testemunhar. Não obstante, pelo trabalho que me deram e pelo que o incidente pode prejudicar a imagem do colégio, atribuo o castigo de não poderem sair destas paredes durante toda esta semana. Fim-de-semana inclusive. Saiam!

Estávamos a sonhar!... Nos mesmos corredores de havia minutos atrás, a disposição foi oposta e fomos dando abraços efusivos, gemendo para conter a voz que

se queria soltar. Com apetite de leões, subimos os degraus três a três em demanda do almoço, que devorámos sem tempo para conversas.

Tocava já para a primeira aula da tarde quando saímos do refeitório.

-- Mandaste o gajo pró hospital! Grande porrada!

-- Mas, diz-me, reparaste no meio sorriso com que o Doutor Zeca nos comunicou o castigo!? Há ali mais qualquer coisa... Não se trata propriamente de um castigo, se tivermos em conta o que se passou. Por isso, ao mesmo tempo havia muito mais na sua mente... Ou sabe dos nossos namoros e estava divertido a fazer contas ao que a sua decisão representa para nós, ou o homem até gostou do que fizemos!

Com efeito. Ainda nesse dia soubemos por um dos alunos mais velhos que existia uma grande rivalidade e de longa data, entre o indivíduo do Aviz e o Doutor Zeca.

Alguns dias depois, já não festejávamos o castigo. Ver as namoradas do outro lado da rua e nem sequer poder falar com elas, tornou-se complicado, sobretudo para mim, cuja relação era bem recente. No entanto, o que me ia tranquilizando, mesmo à distância de uma rua o sorriso da Dora mantinha-se dia após dia.

-- Se elas pudessem sair à noite, tudo era possível...

Não havia volta a dar... o Jacaré era único! Ainda não estava fora de uma, já se queria meter noutra. Uma natureza propensa à aventura e à complicação. Mas não só! Igualmente à subtileza... Telefonou ao pai e encontrou maneira de este o vir buscar no fim-de-semana. Nunca desistia de um qualquer intento. O Doutor Zeca consentiu na redução do castigo mediante solicitação do progenitor.

Pode-se falar em centímetros e não em milímetros, o ganho no nosso conhecimento anatómico mútuo desse dia. O nosso local secreto, o sótão, encontrava-se mais uma vez “reservado” em exclusividade. Como ali as bebidas e os bolos ficavam bastante mais caros, contribuía para afastar a clientela, pelo menos aquela que sabia da sua existência. Aproveitámo-lo nós de uma ponta à outra, na medida em que cada par procurou a discrição de uma das duas abas do telhado.

Recordo com tamanha nostalgia toda a excitação e prazer inolvidáveis... Tudo era natural. De uma pureza genuína. Sem mácula, sem qualquer tipo de influência castradora de crenças ou costumes, nem mesmo a das actuais pretensas sessões de educação sexual, tão frequentes nas escolas, cuja frieza obrigatória na apresentação retira muito aos jovens do que eu pude experimentar...

Os nossos dias, as nossas semanas, não precisavam de nada acrescentado. Tínhamos tudo. O mundo era nosso. Não precisávamos mesmo de mais nada, nem de ninguém.

E, quando tal acontece, as pessoas de quem não necessitamos, mordidas pelo bicho da inveja e da frustração, não aguentam e vêm ter connosco.

Após a última aula, como chovia e sentia frio, desatei a correr em direcção à camarata, para levar um blusão e sentir-me confortável na vila. Ao passar por um dos corredores, já perto da minha porta, cruzei-me com um grupo de colegas mais crescidos. Abrandei um pouco a corrida ao passar obrigatoriamente por eles. Bem... não passei... voei! Um deles acabara de me passar uma rasteira, descontrolando o meu corpo que enrolou pernas e braços antes de se estatelar contra a parede ao fundo. Uma dor lancinante num ombro aconselhou-me a não me levantar e a dar tempo ao tempo. Foi daquela latitude que os meus olhos viram cinco ou seis fulanos que se contorciam a rir. Levaram depois as gargalhadas com eles, sem se preocuparem minimamente com o meu estado.

A dor no ombro não passava e a cama foi reconfortante por largos minutos.

Estranhando a minha demora, o Jacaré apareceu pronto a ralhar comigo pelo tempo decorrido, mas logo mudou de opinião ao ver-me agarrado ao ombro e em sofrimento.

-- O que foi?

Abri a boca para meia dúzia de palavras e percebeu logo.

-- Quem foi?

Eu não sabia exactamente. Fora um dos cobardolas do grupo.

Foi uma tarde atípica na vila. A nossa paz e alegria de viver ficaram perturbadas por aquele desagradável incidente, roubando espaço no nosso tempo perfeito, em expressões de revolta e estratégias de vingança.

Nos dias seguintes não desistimos de procurar o autor da rasteira. Fomos encontrando os elementos do grupo, um por um, nos corredores e nas camaratas. A teoria apresentada por todos eles, era aquela em que eu tinha tropeçado em mim próprio e caído sozinho. Tornava-se evidente que a estratégia utilizada fora concertada entre todos, inviabilizando encontrar o culpado, assim inteligentemente protegido.

O sucedido foi muito badalado no colégio, o que me humilhou, enquanto trazia a maior satisfação à maioria dos meus colegas. Não porque lhes tivesse feito algum mal... simplesmente por eu ter o que eles não tinham ou não podiam ter.

Um dia, o autor da proeza não se conteve. Guardar tamanha glória no anonimato deve ter-lhe parecido injusto. Nesse dia de copos, numa esplanada da vila, gabou-se do feito.

O meio era bem pequeno e, por norma, todos queriam ser protagonistas de alguma coisa. Nessa ordem de naturalidade, um dos presentes não resistiu a fazer-nos chegar a informação.

Tratava-se de um matulão, um indivíduo pouco inteligente, que se fazia respeitar unicamente pela sua força física.

Queria eu de imediato acertar contas, mas o Jacaré autoritariamente disse-me que já tinha pensado no caso, e aquele “macaco” merecia um tratamento especial...

Agimos sempre em conjunto. Nos dias seguintes, onde o procurámos e encontrámos, parámos e ficámos simplesmente a fixá-lo. No início achou curioso e piada à atitude. Depois, passou a ficar mais sério, hesitante nas atitudes a tomar. Por fim, apresentou um sorriso amigável e amarelo ao mesmo tempo, de alguém arrependido e certamente pronto a pedir desculpa. Foi o que fez quando o seguimos até

à casa de banho. A sorte dele, aí, foi que chegaram vários colegas e não deu... Ao passar por nós, à saída, com uma voz estrídula, estranha para alguém muito mais alto e forte do que nós, apitou o pedido de desculpa.

Nunca pensámos em perdoar. Aconteceu numa sexta-feira à tarde, já escuro no inverno, depois de sabermos a que horas apanhava o autocarro para ir a casa no fim-de-semana. Saiu do colégio sozinho, como ultimamente passara a andar, porque os outros já tinham adivinhado o que lhe ia acontecer, e ninguém queria provar daquele menu na sua companhia. Seguimo-lo sem que disso se tenha dado conta e caímos-lhe em cima. Agarrámo-lo pela roupa e pelos cabelos e puxámo-lo para um beco entre prédios. Procurou defender-se no início e gritou muito, depois, não sei se lhe faltaram as forças ou coragem, simplesmente com gemidos abandonou-se no chão aos nossos mimos. Apanhou até me doerem os ossos dos dedos.

-- Isto é só a entrada! Se nos denuncias, arranco-te os tomates! Arranco mesmo! Castro-te!

O Jacaré também já se tinha dado por satisfeito, mas voltou para trás e não o deixou ficar sem acompanhamento àquele aviso que deixara. Acrescentou um pontapé na cabeça do indivíduo, que parecia desmaiado, como se de uma bola de futebol se tratasse.

Faltou uma semana inteira. E quando regressou ainda apresentava muitas marcas no rosto, sobretudo à volta dos olhos. Sei que apresentou a todos justificações para as mazelas, das quais não me recordo já. Creio que para além das nossas namoradas, nunca ninguém no colégio teve conhecimento desta passagem.

Sentimo-nos cada vez mais independentes, mais autónomos, mesmo intocáveis. Quem se atravessasse no nosso caminho estava sujeito às consequências. E ninguém mais ousou.

Tudo contribuía para um limbo de felicidade omnipresente que nos acompanhava e alimentava.

O inexorável tempo, o cronológico, é o maior inimigo de quem usufrui de tamanha benesse. As semanas voaram, os meses com elas...

A Teresa surpreendeu-nos, num sábado já quase primaveril, ao apresentar-nos o seu namorado. Chegou à esplanada com um ar comprometido, um sorriso que não lhe reconhecíamos, puxando-o pela mão por entre cadeiras e mesas. Tratava-se de alguém na casa dos vinte anos, e que trabalhava havia alguns já. A Maria e a Dora estavam contentíssimas e faziam perguntas a ambos. Nós dois, ficámos calados, a observar e a ouvir. Sentia, e sei que o Jacaré também, uma espécie de responsabilidade pela Teresa. Era nossa. Fazia parte do nosso pequeno núcleo fechado e protegido. Valeu ao Pedro ser muito bom rapaz, de uma simplicidade transparente, sempre disposto para tudo o que se propusesse em qualquer momento. Trabalhava na fábrica de automóveis, por turnos incertos e só aos fins-de-semana lhe era garantido poder estar connosco. Durante

aqueles dois meses, quando ele estava presente, nunca subíamos ao nosso sótão. Por duas razões. Uma delas implícita, apontando para o facto de não o termos adoptado inteiramente. Os interesses e os temas de conversa que emperraram aqui e ali, barraram aquele passo decisivo para o abraço definitivo. A segunda, por ter um carro, um Citroën GS. O Jacaré, como um cata-vento reconhecido, não perdia uma oportunidade para viajar. E obrigatoriamente nós com ele. Conhecêmos todas as redondezas e não só. Aos sábados, lá partíamos os seis dentro daquele carro para mais longe... Ainda agora lembro da tortura que isso representava para mim. Aquele carro tinha uma suspensão que o levava a ter um comportamento pior do que o de um barco envolvido numa tempestade em alto mar. Eu enjoava. Como era desagradável ter de ir à frente, ao lado do Pedro, para evitar maiores males... E os outros quatro, que se divertiam como loucos no banco de trás... Cilício!

Nunca precisámos tanto de dinheiro. E aos domingos tornava-se obrigatório o financiamento na mesa de snooker dos Bombeiros Voluntários. Foi nesta fase que perdemos o controlo da nossa estratégia discreta e frutífera.

Jogava eu contra o indivíduo das bochechas salientes e sorriso de criança, a quem o meu amigo atribuía uma quantidade de qualificativos, utilizando eu um eufemismo... depreciativos. Levava já uma vantagem que rondava os dez escudos, quando pisquei o olho ao Jacaré e passei a falhar bolas evidentes, teatralmente acompanhadas por manifestações de desagrado e trocas sucessivas de tacos, que serviram de meus grandes inimigos nesse dia. Concluí com a desistência e uma perda na casa dos quatro escudos.

-- Então? Não queres mais!?

Exultava perante o numeroso público, dando beijos nas moedas peçonhentas que lhe pusera nas mãos...

Sentindo-se em confiança, olhou em redor e apontou o dedo indicador ao Jacaré, que por outra coisa não ansiava mais naquele momento.

-- Então e tu? Também queres levar hoje!?

Desenfreado, esqueceu o conselho que me dera, de nunca humilhar uma pessoa que me estava a pagar. A assistência estava incrédula e vibrava com as suas tacadas. Ainda procurei o seu olhar, tossi, ou melhor engasguei-me e fui-lhe pedir um cigarro... Estava vidrado... Não dava por mim.

Desorientado, o seu adversário desistiu e teve de pedir algum dinheiro emprestado para perfazer a dívida de mais de sessenta escudos.

Já na rua, nem me deixou dizer o que já esperava ouvir.

--Porra! Porra! Não me digas nada!

Atirou dois pontapés contra a parede e quis articular qualquer coisa, mas as palavras recusaram-se a sair da boca.

Foi em silêncio que fez as contas e me deu a minha quota-parte.

O custo do combustível era partilhado só pelos dois, na medida em que se considerava que o Pedro punha o carro e o seu desgaste. Acrescendo a comida e a bebida por onde passávamos, pagando sempre a dobrar, porque as raparigas nada pagavam, as finanças complicaram-se.

E muito, quando domingo após domingo ninguém mais aceitava jogar contra nós... A partir daí, pelo menos para meu contentamento e alívio, o carro passou a repousar mais.

A Teresa denotou desde o início um grão de insatisfação, um contentamento retraído, contido, perante o Pedro. Mesmo nos momentos de maior euforia entre todos.

Certo dia, encontrávamo-nos os quatro no nosso reduto restrito, quando ela irrompeu pelo sótão.

-- Não posso! Não aguento mais!

Desatou a chorar e as colegas precipitaram-se. Conversaram durante largos minutos, com muitas pausas pelo meio. Decidiram finalmente vir ter connosco. A Teresa identificava-se naturalmente com o grupo, por isso não teve dificuldade em ir directamente ao coração do problema.

-- Estou farta, farta! Não pára de me querer apresentar aos pais dele, de querer ir a minha casa conhecer os meus... Não pára de falar em marcar o casamento, em preparar o enxoval!

Acarinhámo-la, como se tivesse sido escandalosamente ofendida...

Esta peripécia trouxe aos quatro um período de acalmia. Amornou o frenesim da vida que se nos oferecia sem compromissos com o futuro. Todos, tenho a certeza, à noite ou a qualquer outra hora de pausa, reflectimos sobre as questões que ficaram a

pairar, sem que algum ousasse trazê-las para junto do par ou do grupo, partilhá-las, debatê-las...

Indiferente a tudo, o tempo quente voltou e com ele o carpe diem implacável e indolente das nossas vidas...

Corríamos no imenso parque de árvores centenárias, brincando às escondidas, às apanhadas, sem inveja à alegria das crianças de tenra idade. A Maria, muito leve e ágil, não era presa fácil. Quando vi a ponta da sua saia escapar atrás do enorme tronco de uma tília, dei por terminada a minha busca. No entanto, fui denunciado pelo estalo de um pau que se partiu sob os meus pés e ela aproveitou para desatar a fugir. O jogo foi longo, exigindo a minha aplicação nas subidas e descidas em terreno pouco plano. Quando a alcancei, lancei o braço à sua cintura, o que a desequilibrou. Agarrou-se a mim e ambos fomos ver de perto o chão, ali protegido por relva cuidada. Afogueados pela corrida, ofegantes nos mantivemos, olhos nos olhos, agarrados um ao outro...

Há destes momentos na vida que mais parecem sonho do que realidade. A probabilidade para que aconteçam, é de tal forma ínfima que remata para o onírico...

Aproximámo-nos mais e apertámos o peito um contra o outro, com bastante força. Dois beijos, na face, foram naturais antes de nos levantarmos, sacudirmos a roupa e sairmos dali, na posse de um magnífico e delicioso segredo.

Com o Jacaré, tudo continuou como dantes. Não senti qualquer incómodo, qualquer sentimento de culpa, porque nada de mal fizera. Não procurei a situação. Ao invés, foi ela que veio ter comigo... conosco. Falou a natureza, no meio da natureza... Por outro lado, já tinha surpreendido o Jacaré, rendido, com olhos repletos de concupiscência pela Dora. O que achei natural, porque a Dora era realmente muito bonita... Num desses momentos, reparei que a Maria também disso se dera conta. E sorria simplesmente para mim.

A sofreguidão dos dias levou-nos até um domingo para nós quatro, o que até então ainda não acontecera. Com a aproximação dos exames, a Dora conseguira de forma excepcional ser dispensada da família para estudar em casa da Maria. E foi de facto aí que nos encontramos, os quatro, pela primeira vez e sozinhos, porque os pais dela se tinham ausentado para Lisboa.

Depois de nos mostrar a casa, levou-nos para a sala e apontou para uma grande mesa de madeira rodeada de cadeiras. Havia ao centro livros escolares, cadernos e dicionários.

-- É aqui que vamos sofrer!

O Jacaré, num pulo, chegou ao pé dela e tapou-lhe a boca com a mão. Ela queria dizer mais qualquer coisa, mas ele não consentiu.

-- Estudar!? A rapariga não está bem da cabeça. Pois olha aqui...

O meu amigo descobriu um gira-discos e as atenções de todos viraram-se para a música. Discutimos gostos musicais e os discos giraram. De costas viradas para os livros, cantámos ou tentámos fazê-lo, dançámos, divertimo-nos imenso. Mas isso ainda não foi suficiente para o Jacaré. Estava excitadíssimo, não conseguia estar quieto, nem permitia que alguém assim ficasse. Até que veio a sua proposta.

-- Está aqui um baralho de cartas. Vamos jogar. Par contra par. Aqueles que perderem tiram uma peça de roupa. Vamos para o quarto da Maria, ou corremos aí os cortinados...

Apanhou-nos de surpresa. A Maria foi a primeira a dizer que não concordava com a ideia, logo seguida da Dora, que a recusou liminarmente. Ele ficou agastado e atirou com o baralho para cima da mesa, espalhando as cartas.

-- Era bem fixe e divertido... Não vejo o que é que vos incomoda...

Amou, o que nele bem pouco frequente era. Nem as cervejas que a sua namorada nos trouxe o animaram. Foi então que ainda rematou:

-- Podemos então fazer o jogo com beijitos!... Do que perde, a rapariga dá um beijo ao rapaz do outro par...

Um sorriso ficou suspenso no seu rosto, à espera de reacções.

-- Por mim, assim já está bem...

A Maria surpreendeu a Dora, a julgar pelo olhar que esta lhe atirou. Houve depois alguma indefinição, onde a Dora achava que nada justificava que aquilo se fizesse, a Maria que defendia não haver grande diferença entre um beijo na face e um beijo nos lábios... Quiseram depois saber a minha opinião. Não, eu também não me

importava, porque selávamos assim um pacto secreto, além da enorme amizade que já tínhamos. A custo, a Dora acedeu e o Jacaré impôs que fôssemos jogar para cima da cama da namorada.

E o jogo começou. Cartas, era outro dos jogos entediantes que praticara nos outros colégios, por nada mais haver a fazer. Tinha por isso muitas horas e dias de treino que os restantes ignoravam, o que favorecia o meu par. Fui com alguma lógica o primeiro a receber o beijo da Maria. Sorriui, sacudiu a cabeça como se quisesse acordar para o que ia fazer, e deixou um inolvidável beijo sedoso nos meus lábios. Recordo ainda hoje e perfeitamente o sabor daquele beijo. Tive de me forçar a olhar para a Dora e para o Jacaré, a fim de disfarçar e rir... A Maria recuou para o seu lado e continuou a fixar-me, sorridente.

O primeiro beijo da Dora ao Jacaré, demorou um pouco a ser dado. Ela teve de se conceder tempo prévio, ajeitar os cabelos, tossir um pouco... Depois, lá foi... Virou de imediato os olhos para mim e para a Maria, como à espera de um julgamento. Mas só encontrou sorrisos. Garanto que o meu era forçado. Era mesmo. No entanto, tinha de passar por ali... era o jogo...

Houve mais alguns beijos, sobretudo entre mim e a Maria, o que deixava o meu amigo indisfarçavelmente irritado. A Dora, também já visivelmente agastada, pôs fim ao jogo, alegando estar na hora de regressar a casa. A Maria concordou e disse então:

-- Vamos para a sala. Preciso de falar convosco...

Ganhara um ar muito sério. Não era o de quem acabara de entrar num jogo ousado e promíscuo. Era mesmo muito forte aquela rapariga...

-- Os meus pais, claro, não sabem que estivemos hoje aqui em casa, mas já lhes pedi para podermos vir daqui para a frente, estudar...

O Jacaré reprovou com uma interjeição.

-- Cala-te e ouve! Os exames estão aí dentro de um mês e se isto é um castigo, nós merecemo-lo. Os meus pais estão de acordo e podemos vir depois das aulas e ao sábado. A minha mãe adorou a ideia e propôs fazer o almoço de sábado.

-- Assim já concordo!

A Teresa juntou-se ao grupo. Assiduamente trabalhámos, a ponto de nos admirarmos e questionarmos a nós próprios como tanto nos aplicávamos...

Não voltámos mais ao sótão, nem disso sentimos necessidade. Entreajudámo-nos nas diversas disciplinas e encontrámos daquela forma um enorme prazer em aprender. E ensinar. A Teresa, nesse domínio foi a mais empenhada, ou castigada, por gostar muito de matemática.

A semana dos exames foi um verdadeiro rastilho, após a qual a Dora se despediu abruptamente de mim. Até ao seguinte ano lectivo. Ia com os pais e com o

irmão para casa de uns tios, na Póvoa de Varzim, onde surgira a possibilidade de passarem um mês de férias.

Custou muito! Jurámos não nos esquecermos um só dia que fosse. Prometêmos pensar todos os dias um no outro e garantimos mutuamente que faríamos o tempo passar depressa. Beijámo-nos muito e as lágrimas foram contraditórias com esse prazer...

Seguiu-se a debandada geral no colégio. No entanto quis eu ficar mais uma semana a aguardar pela saída das notas, movido também por um qualquer desejo de fazer perdurar o tempo, sem vontade de abandonar a vila. Não restou ninguém na minha camarata. O próprio Jacaré foi solicitado pelo pai e despedimo-nos antes do almoço de sábado. Deambulei pelas ruas da vila no domingo e nos seguintes dias da semana, onde pela primeira vez passei realmente a dar atenção às montras, às fachadas dos prédios, às árvores e plantas dos jardins, às pessoas...

Tal como chegara, encontrava-me de novo sozinho... Mas já não estava perdido, porque os próprios lugares faziam parte de mim. Passei também pelos Bombeiros Voluntários e as carambolas no bilhar sucederam-se de forma inspiradora. Alguém quis jogar comigo. Recusei companhia. Passei repetidamente por muitos sítios repletos de mim e dos outros... No entanto, não consegui ir ao sótão sagrado...

Entrei também na secretaria, para deixar a questão das matrículas resolvida. Aí tive a surpresa de me dizerem que ainda não as estavam a aceitar. Deveria entrar em contacto dentro de sensivelmente um mês. A justificação para o atraso encontrava-se na época de exames e na sua conseqüente prioridade de trabalho.

As notas dos exames saíram finalmente e vi nas listas que para os cinco do grupo foram bastante superiores às recebidas nos regulares testes do colégio. Mérito também dos professores, exigentes e aplicados na sua missão de ensino.

Naquele dia, na parte da manhã fiz as malas e depois do almoço adquiri o bilhete para o autocarro que saía pelas cinco da tarde. Restavam-me três horas e na minha cabeça havia um burburinho que não se afastava. Ganhei coragem e fui bater à porta da Maria.

-- Estava a recear que não te viesses despedir de mim...

Voltou para dentro e falou com a mãe.

Depois de fechar a porta, pegou na minha mão e levou-me pelo passeio. Quis saber de quanto tempo dispunha e depois exigiu que fôssemos até ao parque.

-- Quero ir ao mesmo local onde me apanhaste!

Ao longo do percurso falámos de tudo, do colégio, da Dora, do Jacaré, da Teresa, sempre com pausas e sem a habitual naturalidade, tendo em conta o contexto que nos envolvia. Chegados ao local, deitou-se no sítio aproximado e fez-me sinal para a imitar.

-- Quero o beijo que aqui não tivemos coragem de dar. Tenho sonhado com esse momento e quero concretizá-lo.

Não foi só um, foram na realidade muitos, prolongados, repletos de ardor... Envolvêmo-nos depois num interminável abraço.

Voltámos, em silêncio, de mão dada até à porta do parque. Aí soltou a minha mão.

-- Não me quero despedir de ti no autocarro. Quero aqui. Há uma questão que para o ano quero ver resolvida. Quero saber se isto me acontece porque o Manuel sente aquela atracção que sabes pela Dora, ou se sou eu que...

A voz engasgou-se-lhe e afastou-se de mim alguns passos. Voltou-se ainda para trás, antes de dobrar a esquina da rua, para repetir:

-- Há uma questão que para o ano quero ver resolvida...

2014

Por que motivo escrevo? Porque me dá prazer.

Para quem escrevo? Para mim próprio.

Cada vez que ligo o computador, depois de apressadamente percorrer os títulos dos jornais e ler um ou outro artigo que me interesse, deixo a internet e vou directamente à pasta dos meus escritos. Gosto de criar qualquer coisa, para mim. Tenho a ideia de que já não consigo ficar surpreendido, e muito menos agradavelmente surpreendido com publicações de autores actuais. Ainda encomendo livros de vez em quando, que me caem das mãos logo nas primeiras páginas, ou nos casos em que vou além disso, a certa altura disparo para os últimos parágrafos, que pelo desfecho me poupam da leitura integral. Depois, dou-os imediatamente para a biblioteca aí da casa... Por outro lado, não aturo estes indivíduos que chamam trabalho à escrita, como se tornou moda dizer. Que fazem saber do penar que é para eles escrever até às duas, às três, às quatro da madrugada. Que ao mesmo tempo que escrevem conseguem contar os cigarros e os copos de destilados consumidos. Não sei em que estavam concentrados... Fico enjoado quando os oiço dizer que todos os dias têm de escrever uma quantidade de páginas, sob pena de o dia, ou a noite, terem corrido muito mal. Mede-se a metro a produção! O que pode sair dali!? Outros há, desesperados, estéreis, sem nada para dizer, que raptam o dicionário e o levam para um labirinto, provido de altos muros, distante, de onde as pobres palavras só podem pretender fugir, à procura de liberdade. Ficam mesmo assim à espera que alguém veja nesse exercício contocionista uma pretensa

criatividade artística, torturando-se evidentemente a eles próprios nesse logro, por vezes com a benesse de pretensos críticos literários.

Assim, aproveitando melhor o tempo, prefiro escrever para mim próprio, o que me ajuda a avivar as memórias do que de melhor me foi proporcionado pela vida, e me pude oferecer a mim próprio. Escrevo quando quero, quando me apetece, aprovo ou repudio, guardo ou apago.

As recentes mudanças fizeram-me perder o ritmo. Exigiram tempo do meu tempo e não me deixaram escrever. Foram meses... mas estou de volta ao registo do meu mundo.

Escrever sobre o presente... é mais complicado. Adoro escrever sobre um mundo onde o protagonista se sente bem nele, onde o desfruta, comungando com ele... E, encontrar temas condizentes com essa temática nesta fase da vida... adivinha-se a dificuldade...

Alguém acabou de passar pelo corredor a chamar para o jantar. Ótimo! O apetite já antes me visitara.

Já estou retemperado. O jantarinho estava a meu gosto e ainda bem...

Recusei ver o futebol com os outros... Comem à pressa e rabujam pela demora do serviço para não perderem o início do jogo, depois adormecem decorridos poucos minutos. E há mesmo alguns que tenho de acordar, porque desatam a ressonar e não

conseguimos dar atenção a mais nada. Prefiro vir para o meu quarto, onde não permito a entrada a mais ninguém e estou à minha inteira vontade. É um quarto para duas pessoas. No entanto, o acordo entre as partes garante-me em exclusividade.

Aqui, sou um jovem, atendendo à média da idade de todos os outros. As próprias funcionárias baralham-se um tanto e ficam pouco à vontade comigo em determinadas situações. Algumas não sabem como lidar comigo, porque estão habituadas a falar aos utentes como se fossem criancinhas. Estou de facto algo deslocado...

Há dois meses até apareceu aí aquela estagiariazita toda boazona, que não me largava o quarto por tudo e por nada. É a prova de que ainda não estou tão repugnante quanto isso. Tive a confirmação quando frontalmente lhe perguntei se havia alguma hipótese de ir para a cama comigo. Sorriu e hesitou na resposta. Foi só uma questão de chegarmos a acordo. Lá para dentro, como ela dizia, só para o namorado... quanto ao resto... Saiu-me o desbravar daquele corpinho quase perfeito e uma razoável felácio por duas notitas. Por ela exigidas e que na sua opinião muito jeito lhe iriam dar. Sem problema algum! Esfreguei as mãos de contente, porque haveria ali continuidade, o que iria contribuir para apimentar, dar colorido aos meus dias. Infelizmente, nunca cheguei a saber porquê, despediram-na dois dias depois.

Falava eu do acordo entre partes. Proliferam por aí casas como esta, destinadas a tomar conta de velhinhos. Quero corrigir já, como esta, não, porque de facto esta está acima de quase todas em termos de qualidade. Pois então, aceitaram ficar com a minha reforma em troca de tomarem conta de mim. Em alternativa, poderia ter escolhido um hotel, o que cheguei a ponderar e preferiria, mas não seria a mesma coisa, porque, por exemplo não assegurariam os cuidados de saúde in loco, como necessito.

Ao reler, noto que os temas me estão a sair aos repelões... Mas não faz mal, porque escrevo para mim e só por mim poderei ser criticado. E disso já estou habituado há tempo. Tomo conta de mim, julgo-me e conseqüentemente tenho comigo dias muito bons e dias muito maus. Mas são todos meus! Detesto que alguém interfira e julgue o que faço.

Antes de para aqui vir, a morte esteve sempre longe de mim. Agora, vejo com frequência que as pessoas vão sendo substituídas. Nesta casa espantosa, a discrição com que tal acontece é formidável. Até agora ainda não houve notícia de alguém falecer. Por algum motivo, teve de se ausentar...

Muitas das visitas de familiares têm lugar no salão e são autênticos velórios com o morto-vivo. No início observam a pessoa, constatando ou medindo o seu estado de saúde. Invariavelmente acham que está com muito bom aspecto, mesmo que se encontre a definhar e mal possa abrir os olhos. Depois, passam a examinar tudo o que as rodeia, com ar inquiridor e crítico. Ficam aborrecidas por darem com os olhares das velhas por ali sentadas, que as ficaram a fixar eternamente. Desatam de seguida numa procura obsessiva pelo relógio, até serem salvas por um toque insistente do telemóvel. Estou convencido de que pediram previamente a alguém que lhes ligasse àquela hora, ou utilizaram uma das funções do aparelho... Finalmente, alegam afazeres inadiáveis e dão de frosques. Caso se trate de amigos, esses ficam mais tempo, mas não cessam de falar deles próprios e geralmente dos seus filhos, que têm vidas douradas, repletas de sucesso.

Gastei muito do dinheiro que amealhara. Depois, levou o mesmo caminho o da venda da casa, antes de pôr aqui os pés. Ainda agora me pergunto pelo que me terá levado a adquirir uma casa... Trata-se talvez do maior enigma na minha vida. Para que

comprei eu uma casa!? Enfim... Certo é que depois viajei, comi do melhor que encontrei... “comi” ainda muitas outras coisas boas e bebi néctares. Libertei-me, desta forma, das pessoas que me podiam visitar, ávidas pelos sinais da minha decrepitude. Ainda aí apareceu, de surpresa, uma das minhas sobrinhas que vive em Lisboa, que pouco ou nada comunicou comigo. Encontrámo-nos por três ou quatro ocasiões, nem me recordo bem em que circunstâncias. Coitada, quando lhe falei dos termos do contrato assinado aqui com a casa, e, sobretudo de como estoirei dezenas de milhares... pareceu ser tomada de tamanho enjoo, que encontrou um motivo para sair à pressa!

Creio que desde sempre reflecti sobre o valor da vida. Isso porque nunca deixei que outras coisas me absorvessem, como viver para o trabalho, ou para um projecto, ou para uma família. Sempre me preocupei simplesmente em me sentir bem ao fim do dia. Também nunca surgiram causas a abraçar, desígnios de qualquer sorte... A minha vida tem por isso sido o que muitos chamariam de monótona, desperdiçada ou algo parecido. Refuto esses qualificativos e estou muito satisfeito pela independência que me acompanha. Sobretudo agora. Não tenho de dar contas a ninguém, nem ninguém tem de me dar as suas. Pode parecer pouco, mas é uma imensidão. Consegui libertar-me das pessoas e do dinheiro... dos dois enormes garrotes deste mundo.

Procuro falar o estrito necessário com as pessoas da casa, sendo apesar de tudo o mais educado possível. Faço um contínuo esforço na tentativa de evitar ter pena de todos os que aqui sofrem por dinheiro, sobretudo os da parte mais baixa da pirâmide, vergados a este tipo de trabalho com idosos, extremamente repugnante, várias vezes ao dia. Como podem as pessoas ser felizes, se são pelo menos duplamente escravas? Do dinheiro e dos patrões!? A estes últimos, sinceramente, também nada invejo. Encontram-se mergulhados no círculo vicioso e viciado do negócio, servos do sucesso ou do insucesso financeiro. Sobretudo os que singram, esses tornam-se perpetuamente

insatisfeitos, cegos pela ganância. Por isso os procuro evitar a todos, porque sei como tenho a palavra e a crítica fáceis, tornando-me muitas vezes involuntariamente desagradável.

Com quem, pelo contrário, adoro conversar, é com o Luís, o jardineiro. Cuida das plantas e das flores aqui em frente, e cederam-lhe um terreno nas traseiras para a sua horta, que acaba por abastecer a nossa cozinha em produtos frescos e de alta qualidade. É aí que com frequência vou ter com ele. Habitou-se a mim e parece-me que aprecia a minha companhia. Sigo com atenção todo o processo, desde a cava da terra, a plantação e a colheita. Tem também algumas árvores, às quais não cessa de fazer enxertos. É a sua especialidade. Adoro ouvi-lo falar do que e como faz. Quando sei de algo que não lhe resulta tão bem quanto queria, faço pesquisa na internet e apresento-lhe o que recolhi. Apesar de tudo, não me dá muito ouvidos e fica a coçar a cabeça, como faz sempre que surge qualquer dificuldade. Em contrapartida, é todo ouvidos quando lá cai o estalo da rolha de uma garrafa. Gosto de beber com ele, verde ou maduro, dependendo do tempo, porque ao ar livre os vinhos sabem sempre bem melhor, e porque o homem fica acelerado, bem disposto... e eu também.

A direcção aqui da casa, no início não apreciou as minhas visitas ao Luís. Não era “de bom tom” um hospedado dar confiança a um empregado. Depois... conformou-se. Quem continua a não as apreciar é o padre, que nos invade aqui o quotidiano a qualquer hora. Já lhe perguntei uma vez se não tinha mais nada para fazer. Certo é que o clérigo não gosta do Luís porque ele não frequenta a igreja, nem sequer vai à missa ao

domingo. O que ainda não percebi, tem a ver com o facto de eu também nunca frequentar a igreja, igualmente não ir a qualquer missa, e ao mesmo título não ser ignorado. Não me larga as botas! É justamente aos domingos que eu e o jardineiro mais bebemos e mais alegres nos sentimos. Eu, porque para fugir às deploráveis visitas aos residentes nesse dia vou ter com ele, e ele, porque diz que é o dia do Nosso Senhor e então se deve trabalhar menos... Acontece pois que o homem é crente!

-- Então, ó Luís, porque é que não vais à missa?

-- Não tenho tempo. Nem tenho roupa. Não tenho nenhum fato!

Ora bolas! Ainda pensei em dar-lhe um dos meus, mas achei que iria prejudicar o homem. Estava muito melhor ali, em contacto com a natureza e a beber uns copos...

Este padre aparenta cerca de trinta anos. É um jovem bem-parecido, que teria muito sucesso junto do sexo feminino. Mas não sai daqui! Conversa imenso com os velhos, ou melhor, com as velhas, porque eles são poucos, reza com elas, dedica-lhes uma curiosa atenção. Já disse que tenho a crítica fácil, e um dia perguntei-lhe:

-- Você anda a fugir de alguma coisa?

Não percebeu, ou fingiu não perceber...

Veio num sábado depois do almoço bater à porta do meu quarto, perguntar se tinha algum tempo para conversarmos. Sim, tinha, lá isso, tempo... mas pedi-lhe para

esperar, porque precisava de calçar os sapatos... Conversar no meu quarto, não!
Empregadas, médicos e enfermeiras, exclusivamente, têm acesso ao meu quarto!

Tinha parado de chover e calcorreámos as redondezas do prédio. O rapaz mostrou curiosidade por mim, pela minha vida. Fui respondendo, dentro dos limites que julguei correctos, até que surgiu aquilo que eu receava.

-- E a sua espiritualidade?

-- Não sei o que isso é.

-- Muito bem. Por vezes Deus só é descoberto bastante tarde e...

-- Começou mal! Está-me a tratar de velho. Não lhe fica nada bem...

É evidente que não era isso que ele queria dizer, mas aproveitei a deixa. Fragilizá-lo logo de início deixá-lo-ia menos incisivo, porque estas pessoas são piores do que lapas, ou ainda uma melhor comparação, carraças. Sugam-nos o sangue!

Com efeito, verifiquei que nada o faria desistir, pelo que passei ao ataque.

-- Para fazer a escolha que fez, teve de ter a certeza de que existe esse Deus de que fala. Explique-me a sua certeza.

Falou durante cerca de cinco minutos, girando sempre à volta do que entendia por Fé. Ora deixa-me colocar aqui uma maiúscula, atendendo à importância que o rapaz lhe atribuiu. Assim como já fiz em Deus.

-- Estou a ver que não me conseguirá convencer... Não tem evidência nenhuma! Só tem a certeza de que acredita, e um pavor incontrolado perante a hipótese de duvidar! Provas... zero.

Mais cinco minutos de discurso sobre a vinda do Cristo, as sagradas escrituras, os milagres e quejandos...

-- São essas as suas evidências, as escrituras? Quero que me faça o favor de verificar quando foram escritas essas escrituras do Novo Testamento, a base daquilo em que se funda o senhor padre para a sua crença. Porque não deixou o Cristo, ele próprio, de fonte genuína e fidedigna os seus ensinamentos? Porque as começaram outros a escrever, o mais cedo cerca de meio século depois de ele morrer? Porque se escreveu tanta coisa e alguém decidiu que algumas escrituras eram verdadeiras, outras eram falsas? Quem? Com que direito? Quanto à Bíblia, essa nada tem a ver com o cristianismo, é-lhe praticamente o oposto! Quer que eu lhe explique isso, ou não é preciso?

Os olhos queriam sair-lhe das órbitas.

-- Graças a Deus... muitas, e graças com Deus... poucas!

-- Pronto! Foi fácil! Já me está ameaçar! Esse tem sido o meio de tornar a igreja neste poderosíssimo monstro colossal! O medo! Atemorizam as pessoas, aterrorizam-nas com um logro que chamam inferno. A máquina está perfeitamente oleada para os poderosos terem o seu paraíso na terra, prometendo estes aos pobres o seu, quando morrerem, se forem palermas obedientes. É de facto genial! A mente humana é perfeita, atingindo o máximo expoente quando lida com o mal!

Hesitava ele em sair dali ou ripostar, baloiçando o corpo para a esquerda e para a direita. O lábio inferior tremia. Como nada acrescentou, prossegui.

-- Já agora, uma questão relacionada com o tema, a nível de provas caseiras da existência desse seu Deus. A dita Virgem Maria terá aparecido em Ourém a umas tenras

crianças, a mais velha com dez anos. Diz-se que a confiar-lhes segredos. Se o eram, em primeiro lugar, e se tiveram capacidade para os reter, com a precisão que depois apresentaram, o que é mirabolante para rebentos daquela idade, não os deveriam ter revelado a ninguém. Sob pena de desobedecerem, faltarem à confiança de quem lhes confiou esse mesmo segredo. Por isso mesmo, a vinda da Virgem era, ou foi uma perfeita armadilha. Mas pronto, não é bem isso que eu quero dizer... A irmã Lúcia esteve viva durante largos, largos anos. Não acha que a ser verdade o que aconteceu, ela deveria ter contribuído para a crença, ao confirmar todos os dias e em todo o lado que alguém do além lhe apareceu, que foi verdade, que tínhamos de acreditar porque ela tinha visto e ouvido, dando detalhes a todos os que duvidassem? Aqui nem havia parábolas a decodificar, era trigo limpo para todos, tanto para os mais tapadinhos como para os mais cépticos! Por que motivo os seus colegas superiores a enclausuraram e a separaram do mundo? Penso que deve ter sido um alívio brutal quando ela morreu! De que tinham medo? Você sabe?

-- Você precisa de encontrar paz, para depois poder ver melhor as coisas...

-- Eu tenho paz, muita paz comigo próprio! Mas, quando vêm querer-me impingir uma crença contraditória, que inicialmente apontava para a felicidade na pobreza e no perdão, e agora é a organização mais rica do mundo, erigida sobre a violência, a intolerância e a carnificina... fico assim...

Alguém o chamou aos gritos de uma janela do segundo andar. Escusou-se e para lá foi a correr...

Fiquei por ali a recriminar-me. O que me dera!? Não era preciso ter sido tão agressivo com o rapaz. Acusei-me de nunca mais ganhar juízo. Fui ao meu quarto, saquei de uma boa garrafa e fui ter com o Luís.

Com a cabeça a ferver em termos existencialistas, disparei:

-- Ó Luís, o que é que tu gostavas mesmo que te acontecesse na vida?

O homem foi apanhado de surpresa no meio de uma leira recém-plantada, não sei bem se de alhos ou de cebolas, na sua horta. Receou não ter ouvido bem a pergunta, por isso rematou de lá uma interjeição. Repeti a pergunta e de novo fiquei sem qualquer resposta concreta. Ficou por ali a mastigar uns “sei lá” e a encolher os ombros repetidamente. Sem esquecer o couro cabeludo, tão coçado que fiquei com pena dele. Não insisti e fomo-nos sentar no banco gigante de madeira, ao lado da sua barraca de apoio. O vinho sabia bem aos dois e num ápice não restava mais do que dois dedos no fundo na garrafa.

-- Nem as garrafas já são o que eram Luís! Repara bem para isto! Foi-se abaixo num instantinho...

Nem achou piada, nem deixou de achar. Estava com os olhos fixos lá à frente, algures no seu cultivo...

-- Sabe o que eu queria mesmo na minha vida!? Era que a Deolinda me quisesse!

Alto lá! Tínhamos homem enamorado. Muito bem. O problema é que parecia não ser correspondido.

Trinta e cinco, quarenta anos? Dar idade a esta pessoa, com a pele tão tisonada pelo sol e alguns arremedos de rugas prematuras, era um exercício complicado... Porém, uma força da natureza. Nunca tinha frio, nunca se queixava com o calor, nunca fugia ao trabalho.

-- Fala-me dela, Luís.

Era uma viúva, cujo marido emigrado falecera em Colónia, havia já cinco anos. Vivia sozinha numa moradia situada no centro da localidade. O Luís já tivera a coragem de se lhe declarar por duas vezes, mas a resposta viera sempre num sentido. Que não! Nem pensar! Na primeira vez ainda ficou a olhar para ele, como se equacionasse a proposta. Na segunda, quando a abordou no largo a caminho da igreja, pediu-lhe simplesmente para se afastar do destino que levava.

-- Dessa vez, virou-se ainda para trás e disse-me que eu nem me podia casar com ninguém porque não ia à igreja.

-- Então é beata?

-- Isso também não, mas sei que vai muitas vezes à igreja. Deve ser para encomendar o marido. Dizem que sofreu muito com a sua morte.

A Deolinda não me saiu essa noite da cabeça. Creio ter colocado todas as hipóteses: loira, morena, ruiva, alta, baixa...

O dia estava bonito, ensolarado e ameno. Logo depois do pequeno-almoço, de volta ao quarto, troquei a roupa descontraída por um fato, aquele que me pareceu mais adequado à situação e rumei em direcção à casa indicada pelo Luís. Assim, sem mais, com uma curiosidade desmedida... Não foi difícil dar com a moradia, ajudando-me a localizá-la a indicação da palmeira no jardim. Tratava-se de uma construção, diria eu “de empreiteiro”, sem qualquer estética que pudesse cativar, mas com um belíssimo terreno fronteiro ajardinado. Apesar de a situação amorosa não me dizer respeito, senti um arremedo daquelas sensações inebriantes de outrora. Gostei...

Os ponteiros do relógio avançavam, eu rua acima, rua abaixo, e ninguém saía ou entrava, nem sequer vinha à janela... Em contrapartida, em duas das outras casas vizinhas havia já quem me espreitasse com curiosidade. Numa delas, uma senhora de idade avançada perguntou mesmo se eu procurava por alguém. Incomodado, lá argumentei com o desentorpecer das pernas, o que para a minha interlocutora foi um rastilho infundável. Acenava-lhe com a cabeça ao débito de palavras, já desesperado, quando da casa espiada saíram quatro senhoras. Libertei-me da minha prolífica senhora em saliva, com um cumprimento forçado e segui-as à distância. Qual delas seria a Deolinda? Deitei-me a adivinhar, apostando numa delas, a mais elegante, morena, com um penteado natural, jovem, e um permanente sorriso para as outras três. Acusei-me depois de não ter dotes de detective, porque se tivesse reparado em quem fechou a porta, teria o enigma resolvido...

Pela direcção que levavam, deduzi que fossem para a igreja. E não me enganei.

Sentei-me na esplanada do pequeno café fronteiro à porta do templo, pedi um café e decidi ali aguardar. Entrar nas igrejas é algo que me incomoda e revolta...

Volvida meia hora estavam de volta, acompanhadas pelo padre. Desceram a escadaria e aproximaram-se do café. Falavam num tom alegre e descontraído, o que permitia perfeitamente ouvir àquela distância todas as palavras articuladas. A mais baixinha de óculos muito graduados era a que mais falava.

-- Então senhor padre Virgílio, assim fica combinado. Fico muito satisfeita por ter apreciado a minha proposta. Lá aguardamos por si na quinta-feira. Para estas reuniões, a casa aqui da Deolinda é sempre a melhor. Aquele salão até ajuda a pensar melhor!

Quando se referiu à casa e à Deolinda, a senhora virou-se para ela, satisfazendo assim a minha curiosidade, e desejo de que o Luís tivesse bom gosto. Pelo menos aferido pelo meu. Era com efeito quem eu desejara que fosse. Linda mulher! Fiquei feliz pelo meu Luís!

Prestes a terminar a conversa com as senhoras, o padre avistou-me e saudou-me erguendo o braço. Despediu-se de seguida delas e veio ter comigo. Convidei-o de imediato a tomar qualquer coisa.

-- Então, não está zangado comigo!?! Sabe, eu às vezes devia...

-- Claro que não estou! A grandeza de Deus permite que tenhamos livre arbítrio...

As palavras surgiram-me logo prontas para disparar: “Se Deus o permite, os seus ditos ministros nunca o permitiram nem permitirão. Trata-se de um dogma”. Aguentei-me! Surpreendentemente consegui ficar de boca fechada! Fiquei muito satisfeito comigo próprio.

Aceitou tomar um café e a conversa passou pelo estado do tempo até às obras intermináveis nas ruas da localidade. Continuamente fomos interrompidos por pessoas que cumprimentaram o padre Virgílio e depois me saudaram por cortesia. Tinha garantidamente um sucesso total no seio do seu rebanho.

A dada altura, ficou de os olhos fixos na mesa e esqueceu-se do fio da conversa.

-- Gostava de conversar consigo, sem preconceitos de qualquer ordem... Prometo que não o incomodo com o domínio religioso, não lhe vou querer... impingir... termo que utilizou, a aceitação cristã.

-- Tem primeiro de falar com a minha secretária. Não tenho presente a agenda, porém, sei que está sobrecarregada.

Dois dias depois veio encontrar-me sentado num dos bancos do jardim, perto da horta do Luís. A conversa sobre banalidades já ia longa, quando deve ter ganho coragem.

-- Não consigo esconder a minha curiosidade pela maneira de ser que apresenta, desprendido de tudo, aparentemente autónomo e auto-suficiente. É feliz dessa maneira?

-- Na minha concepção de felicidade, sou feliz! Certamente que agora já não tanto, mas sim, em tempo fui muito, muito feliz.

-- É isso que eu gostaria de conhecer. Que gostaria de saber, para poder analisar, e talvez ficar a conhecer um pouco mais e melhor a natureza humana, na sua complexidade e na sua diversidade.

-- Senhor padre, do meu passado não lhe vou contar nada. O passado é meu, e tenho dele a minha visão. Por outro lado, estou mesmo convicto de que não lho saberia contar com autenticidade, porque deturparia tudo. Por um lado pelo possível incómodo que sentiria em me desvendar, ou por outro, quem sabe, talvez até sentisse vontade de acrescentar qualquer coisa para me vangloriar, porque a natureza das pessoas é egocentrista e gosta de estar em palco, com público a aplaudir e a pasmar. E eu sou humano.

-- Sim, sei. Levo horas a ouvir histórias e aventuras mirabolantes, por exemplo aqui, dos velinhos. Mas sei que não seria o seu caso.

-- O que o leva a afirmar isso? No seu lugar não teria tantas certezas...

Ouvimos nesse momento um toque do sino da igreja, que eu não soube interpretar. Com a destreza própria da sua idade, pôs-se em pé como uma mola. Educadamente agradeceu o momento e foi à sua vida.

Em vão procurei o Luís na sua horta e, como começou a refrescar, abriguei-me no interior do edifício. Não tenho televisor no quarto, por opção, claro, e não sei porquê, tive vontade de espreitar um qualquer programa. Fui até à sala específica, saudei os

presentes e sentei-me numa das cadeiras disponíveis. Subitamente, um cheiro a urina tomou conta do meu nariz, nauseando-me. Olhei em redor e, como se fosse pela primeira vez, deparei com um quadro lastimável de degradação humana, que não quero agora descrever, nem certamente algum dia o ousarei fazer...

Refugiei-me no meu quarto, questionando-me sobre como conseguia aquele jovem padre fazer abstracção desta... fase terrível, tão degradada da vida... e apoiar toda aquela gente, sem excepção alguma...

Nos primeiros dias de casa, a direcção ainda insistiu para que dinamizasse grupos e criasse actividades. Não perceberam, ou não quiseram perceber que isso estava longe do que eu pretendia, porque antes de vir para cá exigi privacidade, a começar por um quarto só para mim, como a mesma individualidade na mesa do refeitório. E esta, naquele recanto semi-escondido da sala de jantar.

Como disse, refugiei-me no meu quarto, aguardando pela hora do jantar e liguei de novo o computador. Entreguei-me à escrita...

Jamais escrevera. Estive sempre demasiado ocupado na vida activa. Aliás, jamais me passara pela cabeça escrever. Tornou-se entretanto numa companhia que agora aprecio particularmente. Estou a reviver e ao mesmo tempo a olhar-me reviver. Todos os capítulos, chamemos-lhe assim, da minha escrita, encontram-se compartimentados em espaços aproximados de um ano cada. Bem, no início tratou-se de anos escolares. E há já muitos, muitos! Tantos que me parece impossível ter tanto vivido. O que mais me surpreende é a memória que se aviva de passagens da minha vida que supostamente se encontravam de página definitivamente virada e apagada. Quando me sento para escrever parece que fico ligado a uma corrente em direcção ao passado. E é como puxar o fio de uma meada.

Jantei, demoradamente, para desconforto das duas senhoras que servem as refeições. Já tinham passado inúmeras vezes para a recolha a mesa. Compreendo a árdua tarefa quotidiana delas. Há ainda que dar a alimentação na boca a meia dúzia de hospedados e fazer todo o serviço. Mas não demorei propositadamente, simplesmente tinha a cabeça ocupada com os últimos desenvolvimentos, e as garfadas foram ficando a meio ou mais lentas.

Também não reúno consenso a nível de simpatia. Uma delas tolera-me, a outra não, porque ocupo uma mesa sozinho.

Preparava-me para me sentir mais confortável, já com pijama e roupão, quando ouvi uma discussão no exterior. Abri de imediato a janela porque me pareceu reconhecer aquelas vozes. E não me enganei. O Luís e o padre Virgílio discutiam! Calcei de novo os sapatos e assim vestido acorri.

-- Lá por ser padre, não tem nada que se meter na minha vida!

-- Não me meteria, se não andasses a incomodar os meus paroquianos! Tenho o direito e o dever de os proteger.

-- Você não é dono das pessoas! Mande lá dentro da sua igreja e isso basta-lhe.

-- Não a volte a incomodar! Eu não vou permitir!

-- Se não o quê!? O que é que me faz?

Três passos firmes e ficou de corpo colado ao do padre, a fazer-lhe peito. Bati palmas com toda a força que consegui e já próximo deles gritei:

-- Pára! Pára aí! Seja o que for que esteja em causa, precisa de um mediador! E esse mediador sou eu! Sou eu!

Investi com os braços em riste, afastando os contendores.

Creio ter chegado no momento exacto. O Luís estava transtornado e não fosse, creio eu, o respeito que tem por mim, não perdoaria e deixaria o padre no hospital a rezar por melhoras de saúde.

-- Senhor padre, permita que em primeiro lugar oiça o Luís. Vamos para o meu quarto, Luís! Anda, vamos... Padre Virgílio, compreenda e espere por aí, ou já ligo para o seu telemóvel. Sei que têm aí o seu número.

Abri uma garrafinha antes de começarmos a falar. Trouxera-o em silêncio, com uma mão retemperadora no seu ombro, porque o homem chamejava...

-- Não fiz de propósito para me encontrar com a Deolinda. Ela vinha a sair do supermercado e eu ia a entrar... Não sei como aconteceu, a porta é apertada e eu a olhar para ela, bati-lhe com o joelho no saco das compras e atirei-o ao chão!

Não me aguentei! Desatei a rir descontroladamente. Mas ele não se incomodou com isso e prosseguiu.

-- Ó caraças! Nem sabia onde me havia de meter. Desatei a apanhar o que ficou por ali espalhado, enquanto ela ficou em pé, à espera que eu voltasse a pôr tudo no saco. Custa-me por isso acreditar que tenha feito tão grande queixa ao padre, para ele me vir dizer o que disse. Que não me aproximasse nunca mais dela! O que é isso!?

-- A Deolinda disse-te alguma coisa quando o saco caiu?

-- Não. Eu pedi desculpa não sei quantas vezes, mas deixou-me sempre sem resposta. Ainda propus levar-lhe o saco a casa, porque era bem pesado, mas virou-me logo as costas.

A transparência não requer mais perda de tempo porque não deixa lugar às dúvidas. Bebemos o resto da garrafa sem qualquer dificuldade e acompanhei o Luís à porta de saída das traseiras.

-- Deixa comigo. Não te preocupes, eu vou intervir. Confias em mim?

Aquele corpo musculado, forte como uma tenaz, veio de lá, silencioso, e apertou o meu num enlace sólido, de força controlada. Ao ouvido esquerdo adivinhei logo de seguida um gemido de pranto, incómodo para mim.

O padre Virgílio não arredou pé. Estava à minha espera no hall de entrada. Ainda parecia exaltado, pelo que lhe propus sairmos dali e darmos um passeio pelas ruas.

Troquei de roupa num instante e foi uma excelente ideia, na medida em que o frio nos obrigou a conversarmos quase em surdina, encolhidos, aliviando a tensão. Quis eu desde logo avançar com a versão do Luís, partindo em meu entender de uma base sólida.

-- Efectivamente, estou a ficar confuso e preocupado. Não contactei directamente com a Deolinda... Eu disponho de uma versão diferente dessa. Trata-se de uma amiga dela que após ter tomado conhecimento do incidente, e nem perguntei como, ocorreu ao meu encontro. Na sua versão, o Luís, talvez embriagado, fez propostas

desonestas à Deolinda e quase roçou a agressão física, num local de exposição total perante a comunidade.

-- O meu amigo tem compromissos a esta hora?

-- Hoje já não tenho. A menos que o telemóvel toque e...

-- Desligue-o!

Eu sabia que o padre tinha um pequeno carro, e propus uma saída a um restaurante muito afamado da região, distante umas dezenas de quilómetros. Ele jantou, eu ceei. Conversámos e tivemos de beber para podermos conversar mais. Já recostados nas cadeiras, aguardando o café e o digestivo, num arremedo súbito exclamou:

-- A Fátima! Estou a ver...

Depois ficou ali petrificado a olhar para os quadros na parede.

-- Estou tramado! Temos aí a Virgem outra vez!?

-- A Fátima tem o irmão que se derrete pela Deolinda e lhe está sempre a enviar presentes, alguns dos quais tão valiosos que ela recusa! Está a ver?

-- Não! Quem é essa Fátima?

-- Uma amiga da Deolinda. Aquela que me veio contar a história, que agora já me parece repleta de tramóia, e a exigir a minha intervenção. Olhe, uma daquelas mulheres que viu neste dia a conversar comigo à frente da igreja. Parece-me evidente. Quer sempre cair nas boas graças da Deolinda, mas com outras intenções. Talvez deva um pedido de desculpas ao Luís.

-- Dois uísques!

-- Bem preciso! O problema é depois para levar o carro...

-- Ora essa! Então Deus vai enviar a polícia multar um seu ministro!?

-- Se beber demais, bem o mereço.

-- Olhe lá! Você é uma autoridade nessa matéria. Não há missa que não deite abaixo um copito. E à frente de toda a gente! Mesmo dos polícias! Com que justificação o iriam agora multar? Caso haja algum mais renitente, pode sempre dizer que teve de celebrar uma porrada de missas até voltar para casa! Era inevitável ficar nesse estado.

-- Essa tem piada. Mas vá, diga-me agora onde nasceu, onde estudou, o que estudou...

-- Está obstinado em saber coisas a meu propósito! Não o censuro. Eu também assim sou, teimoso. Quando quero alguma coisa, sou capaz de procurar remover montanhas. Pois então, a minha vida tem sido algo muito simples, até demais, e talvez não mereça sequer ser contada, nem perder-se tempo a ouvir contá-la.

-- No entanto, afirma ter sido muito feliz... Não há aí contradição?

-- Para mim, não! Porque é na simplicidade que encontro e tenho encontrado o caminho que permite a felicidade. Mas, voltando ao assunto que tínhamos, quem é de facto a Deolinda?

-- O obstinado é você! Enfim... Assim sendo, essa senhora, poderia eu dizer que se enquadra dentro desse termo que utilizou mesmo agora: a perfeita simplicidade. Mas tem tudo para poder ser o contrário, isto é, orgulhosa e vaidosa, porque é rica e é muito bonita.

-- Sim, de facto, para além de reconhecer nela muita distinção.

-- É alguém muito solicitado na paróquia. Todas lhe querem agradar e fazer-se acompanhar por ela. É muito disputada. Demasiado boa e tolerante. Digo isto, porque deveria ser mais exigente na escolha das pessoas que recebe em casa, algumas acabam por se servir dela para atingir os seus intentos. O caso da Fátima é um deles, mas só um deles. O marido faleceu na Alemanha, em circunstâncias que nunca foram bem explicadas, nem à esposa. Foi muito difícil para ela no início do luto. Contudo, isto num aparte entre nós, havia uma diferença de idade entre eles, muito badalada por todos... Não cheguei a conhecer o marido, mas tem fotografias em casa onde se nota que de facto era bastante mais velho do que ela. O casamento parece ter sido uma surpresa para a comunidade local. E, a propósito de casamento, que eu saiba, deixe ver, terá ela neste momento para aí uma dezena de pretendentes conhecidos por mim. É demasiado aliciante, junta-se a beleza da Deolinda ao seu irresistível dinheiro! Algo bem contraditório, não acha?

-- O quê?

-- A beleza e o dinheiro! Algo belo e algo feio.

-- Ah, pois! Olhe, vou pedir mais dois xaropes. E a esse propósito, tenho a certeza absoluta que a um dos pretendentes da Deolinda, desses dois elementos só lhe interessa a sua beleza.

-- Qual deles?

-- O Luís.

-- O Luís!? O Luís lá do...

-- Sim, esse mesmo!

-- Mas o Luís não é um dos seus pretendentes!

-- Isso é que é! E o melhor de todos, mesmo sem conhecer mais nenhum dos outros.

-- Sejamos sensatos. Como poderia o Luís pretender...

-- Não procure os aspectos negativos, porque ofuscarão os positivos. Repare na vantagem de ser mais novo, de ter o coração que conhecemos no Luís, de ter a simplicidade de que falávamos, a qual o desprende de todo e qualquer interesse vil, material...

-- Oiça, há coisas impossíveis de unir, apesar de toda a boa vontade deste mundo.

-- Está enganado.

-- Não, não estou! Em termos comparativos, vou só deixar-lhe um exemplo. Conhece o Rocha, o que tem a fábrica de móveis já com negócio virado para a exportação? É em meu entender o melhor partido. E já lho disse a ela, numa daquelas conversas em que me envolvem para dar opinião. Aí, tudo me parece equilibrado e com ingredientes para dar bom resultado.

-- O velho barrigudo que foi este dia fazer um orçamento para a substituição das mesas e cadeiras do refeitório?

-- Esse mesmo. E não é assim tão velho, nem tão barrigudo!

-- Oiça lá, amigo Virgílio. Chegue-se aqui mais perto. Já imaginou, à noite, o Luís agarrado à Deolinda!? É mais novo do que ela, é uma força da natureza. Até a faz trepar pelas paredes! Há lá comparação possível!?

-- Cale-se homem!

-- A Deolinda é que não se vai calar! Por isso, garanto-lhe que não há melhor partido para a Deolinda.

Olhou em redor e depois sugou o que restava no copo de um só trago. Já estava quentinho. Eu também não devia estar menos, porque uma ideia contrária ao que sempre tivera como firme, saiu de forma incontrolada:

-- Quero fazer um contrato consigo, meu amigo. É muito simples. Estou disposto a satisfazer a curiosidade que tem manifestado a meu propósito, numa condição. E essa condição é intervir junto da Deolinda, fazendo-lhe ver o Luís sob outro prisma.

-- Apesar de não concordar com a proposta, sempre fico curioso em saber no que consistiria satisfazer a minha curiosidade.

-- Dar-lhe-ia a ler uma das fases da minha vida. Na realidade, cerca de um ano de vida. Desde que passei a ter tempo, divirto-me a escrever sobre o meu passado. Tenho as recordações divididas em capítulos, e passo-lhe um deles.

Ficou a olhar-me sem pestanejar e em silêncio, para depois, com um meio sorriso nos lábios me rematar:

-- Temos então acordo. Chego junto dela, digo-lhe que o Luís está interessado nela, e ela responde-me muito possivelmente com uma gargalhada. Venho depois fazer-lhe o relato desse sucedido e levo o texto.

-- Sim, é mais ou menos isso. Simplesmente, tenho a certeza de que não será dessa maneira que vai fazer a abordagem. Conto com a sua diplomacia, conto consigo.

Ficou muito animado para o resto do tempo ali passado, brindando com mais outro uísque, este oferecido pela casa.

Queria o padre chamar um táxi que nos levasse de regresso, mas opus-me e peguei no volante.

-- Se ficar sem carta, não faz mal. Para que a quero eu onde estou!?

Dois dias depois, logo pela manhã, ao abrir a janela para deixar o quarto respirar, avistei o padre, que entrava ao portão. Acenei-lhe, em vão, várias vezes, continuando ele concentrado nas pedras da calçada. Quando o procurei no piso de baixo, já se encontrava rodeado por três utentes da casa e um desconhecido vestido de fato e gravata, que disputavam a sua atenção. Fiz-lhe sinal repetidamente, ao que ele respondeu com um aceno distraído. Regressei ao meu quarto, prestes a arrepender-me de lhe ter dado tanta confiança e de o ter envolvido naquela situação.

Só daí a mais de uma hora me bateu à porta e veio pedir para conversarmos. Estava irreconhecível, olheirento, cabisbaixo, com um aspecto perto do assustador. Franqueei-lhe a entrada... Senti-me culpado pelos pensamentos tidos havia pouco. Encontrava-se numa fase em que era solicitado em frentes complicadíssimas, uma das quais na residência, onde os utentes que eu vira manifestaram a intenção de processar o filho do director, por os ter enganado e ficado com dinheiro. O advogado deles acabava de solicitar a sua opinião, enquanto padre, frequentador da casa e amigo do dito rapaz.

O filho do director é um rapaz da idade do padre, gosta de carros de desporto e veste de forma, posso dizer, luxuosa. Não sei onde encontra aquelas roupas originais, justas ao corpo, elegantes... A amizade que tem com o padre é surpreendente. Não colam um com o outro.

-- E o que tenho eu a ver com o dinheiro? Como posso eu saber se foi roubado ou não?

-- Foi isso que disse ao advogado?

Não respondeu, o que achei estranho. Olhou demoradamente para o exterior, através da janela aberta de par em par e mudou de tema.

-- Já me encontrei com a Deolinda, na igreja. Não estava só, mas consegui dizer-lhe que precisava de conversar com ela, a sós. Há uma reunião em sua casa depois do jantar e talvez surja a oportunidade.

Não era o mesmo padre Virgílio. Qualquer coisa mais o apoquentava, da qual não me quis falar. Voltou a fixar o exterior, levantou-se da cadeira como uma mola, fez-me um aceno com a mão e saiu.

Neste contexto, vi comprometida a requerida qualidade na sua intervenção junto da Deolinda. Para assuntos sentimentais, toda a perspicácia, dedicação e diplomacia se podem averiguar insuficientes.

Depois do almoço fui ter com o Luís. Sem qualquer cuidado com o calçado nem com a roupa, desatei a ajudá-lo. Gostei de sentir a terra nas minhas mãos! Peguei pela primeira vez numa enxada, num ancinho, numa pá. Sujei-me todo e não me importei com isso. Creio, isso sim, ter prejudicado o meu amigo agricultor, porque gastou todo o seu tempo a dar-me conselhos, a começar por como se deve pegar naqueles utensílios. Nunca o vira rir tanto. A minha inabilidade e persistência levavam-no a repetir “você dá cabo de mim!”. Passava depois, discretamente, pelo que eu acabara de fazer, a reparar o que estava mal feito e os estragos colaterais.

-- Nunca mais me deixas entrar aqui!

-- Não diga isso! Nunca pensei é que lhe desse na cabeça para se sujar todo!
Olhe para si!

Quando ao levantar a perna direita o meu sapato ficou preso na lama, obrigando-me ao desequilíbrio que levou o meu pé só com a meia a provar a lama, desaparecendo dentro de um charco, dobrou-se a rir sem conseguir parar.

-- Peço desculpa! Por fav... favor. Não me... não me leve a mal... mas...

Parecíamos dois loucos varridos a rir no meio da horta. Se alguém nos viu naquele estado hilariante e descontrolado, deve ter ficado com muita pena de nós.

Ainda com soluços de riso, depois de pescar o meu sapato, deu-me o seu ombro para me apoiar e lá fui a pé coxinho até à torneira da rega, onde alguma coisa se remediou.

Já sentados lado a lado e recompostos de tamanha aventura, recaiu nele e lá veio a pergunta com um ar sorumbático:

-- Não há nada de novo pois não?

Bolas! Estávamos tão bem... Pois, o Luís parecia ter adivinhado a minha recente falta de confiança.

-- Sabes bem que estas coisas do coração são as mais complicadas, as mais imprevisíveis. Requerem tempo. Temos de ir devagar. Mas garanto-te que vou fazer alguma coisa.

-- Tive imensa vontade de ainda vir conversar consigo ontem à noite. Por respeito pela casa não vim às onze e meia por ser hora tardia. Também não quis telefonar. Não são assuntos para telefone. Então, estive ontem em casa da Deolinda. Nem sei por onde começar... Recuando um pouco... Acontece que eu já sabia que a Fátima também estaria presente nessa reunião. Quis-me assim encontrar com ela antes de entrarmos. Para isso, fui fazendo na rua, antes de entrar, até que a avistei a dobrar a esquina. E sozinha. Avancei logo para o portão da casa da Deolinda, e ali quis tirar satisfações, expressão muito utilizada por aqui. Às minhas primeiras palavras, porque notoriamente já se preparara para a eventualidade, desatou aos gritos, ali, no meio da rua!

Passou a mão pela testa, fez uma pausa antes de prosseguir.

-- Disse que o padre António é que era um padre! Que eu era um fedelho que ninguém respeitava. Que até já tinha conversado com muitas amigas frequentadoras da

igreja a meu propósito! Que a Deolinda nem me devia ter convidado para aquelas reuniões! E que ficasse eu a saber que iriam falar com o bispo, sobre coisas que se diziam a meu propósito.

Tossiu como se se tivesse engasgado e voltou a passar a mão pela testa.

-- Não foi possível interrompê-la, perguntar-lhe o que tinha tido aquilo a ver com a mentira que me transmitira. Prosseguiu até chamar a atenção de pessoas que vieram às janelas. O meu antecessor alertou-me antes de partir, para a má-língua e injúrias de que a senhora Fátima era capaz. Ela entre outras. No entanto, ainda não tinha tido razões para...

Estávamos junto à porta do refeitório e com a aproximação de algumas utentes curiosas, propôs irmos para o meu quarto, o que a passo apressado fizemos. Não se contendo, foi avançando com as palavras pelos corredores.

-- Não sou, nem conseguirei ser um padre perfeito. Sou humano, tenho os meus defeitos, como creio eu toda a gente tem. É evidente que aquelas... beatas... me cansam, me sugam a paciência e nem sempre consigo disfarçar. Elas notam logo, caem-me em cima, perguntam no que estou eu a pensar, se concordo ou se discordo com o que dizem, alertam que é muito importante e devo dar mais atenção... Querem mandar no que devo fazer, com quem devo falar ou não, sei lá... Acabo sempre por fugir às questões e não fazer o que elas querem, de uma forma geral. E agora estou a pagá-las!

Já no quarto, sentados à pequena secretária, foi possível falar sem estar continuamente a espreitar à esquerda e à direita.

-- A Deolinda veio primeiro à janela, para logo de seguida a vermos abrir a porta do jardim. A Fátima não a deixou sequer articular uma palavra. Abriu o pequeno portão

da rua e foi-se encontrar com ela, pegou-lhe pelo braço e quis levá-la de novo para dentro. E foi aí que se deu o volte-face na situação. A Deolinda recusou e quase sacudiu a mão que a apertava e puxava. Perguntou-me o que se passava, ao que respondi que para lhe explicar a situação teria de falar com ela a sós. Mandou então entrar a Fátima, dizendo-lhe que já lá estavam as outras e sugeriu que andássemos pela rua e conversássemos. A Deolinda é surpreendente nestas situações de conflito. Já a vi noutras ocasiões... Mas vamos lá. Conte-lhe toda a estratégia utilizada pela amiga. E sabe que não ficou surpreendida!? As nossas intervenções tornaram-se compassadas e continuámos a andar, até entrarmos na sacristia. Aí, manifestou a intenção de dar por findas as reuniões em sua casa, acabar de uma vez por todas com a maledicência e a intriguice. E foi aí! Certamente de forma desajeitada, foi aí que comecei a falar do Luís, que tinha pena dele nas mãos daquelas mulheres, que era um rapaz que eu conhecia bem e por quem nutria grande simpatia, que era muito apreciado na residência, inclusivamente por gente muito culta...

Desatei a rir e ele também. Depois prosseguiu, com os olhos arregalados quando adiantou que ela fizera perguntas a propósito do Luís.

-- Acrescentei algumas coisas nas respostas, favoráveis ao Luís, que fui inventando... Mas depois confesso-me. E agora, já posso levar o texto?

-- Caramba! Reconheço que estou surpreendido. Deixe ver... Assim não consigo. Tenho de escolher um ano para lhe entregar... Mas ainda hoje lho entrego. Vem cá da parte da tarde?

Eu já tinha feito a escolha de forma prévia, e sabia muito bem qual o texto a entregar. Quis só ganhar tempo para o poder imprimir e também escrever duas palavritas numa folha.

No dia seguinte, regalava-me a saborear um bom lombo de bacalhau quando ouvi ao meu lado:

-- Bom apetite! Olhe, já li.

-- Ora então, já se deu a esse trabalho.

-- Li duas vezes ontem à noite. Posso convidá-lo a tomar um café lá fora?

-- Deixe-me cocluir o repasto. É possivelmente o melhor prato que já aqui me serviram...

-- Sim, claro. Eu mesmo tenho uma reunião aqui com a direcção e queria pedir-lhe para aguardar pela minha saída. Não deve demorar mais de meia hora.

Mas demorou. Saímos depois e caminhámos até ao mesmo café fronteiro à igreja. Sentados a uma mesa escondida por um enorme pilar redondo, gozámos de alguma privacidade na conversa. E ainda bem, porque a voz possante e conhecida do meu interlocutor iria chamar a atenção.

-- Tenho vontade de lhe colocar mil perguntas. Não se importa?

-- Depois de me ter exposto da maneira que leu, pouco mais terei para esconder...

As perguntas denotaram uma leitura muito atenta daquelas páginas. Depois do colégio, sobre o qual quis tudo saber, onde ficava, como se chamava, como funcionava

noutros aspectos não abordados no texto. Seguiu-se o domínio sentimental, com perguntas onde se verificava que o rapaz ficara a querer saber muito mais detalhes, os íntimos inclusive. Satisfiz a sua curiosidade, baixando a voz tanto quanto possível no contexto dos barulhos de um café.

-- Para saber ainda mais, precisaria logicamente de ler o próximo ano, ou os próximos anos... e a isso já não tenho o direito.

-- Soube tudo.

-- Soube tudo, como?

-- Esse colégio também fechou portas ao internato no final desse ano lectivo.

-- A sério!? Então...

As palavras fugiram-lhe. Ficou sem elas e a olhar para mim.

-- Então o quê?

-- Não compreendo. Não pode ser. As coisas não podem ter terminado assim...

-- Terminaram.

-- Não voltou mais àquela vila?

-- Não.

-- Nunca mais falou com a Dora?

-- Nunca.

-- Nem lhe escreveu?

-- Jamais tive a morada dela.

-- Não pode ser. Vocês amavam-se...

-- Muito.

-- Então?

-- Então, aquela porta fechou-se e outras se abriram. A juventude é implacável, cruel até!

-- Nunca teve a curiosidade de voltar lá e de ver como tudo se encontra... o que mudou... se ainda pode conversar com pessoas conhecidas da altura?

-- Sim, claro. Mas nunca o fiz, nem o farei. Pela simples razão de que seria uma desilusão total. A juventude já não mora lá. No entanto, desta forma, eu estou e estarei lá... sempre jovem. Guardo comigo a imagem garantida e eterna do que considero o ano mais perfeito da minha vida. Ao ter de escolher, esse é o eleito.

-- Compreendo o ponto de vista. Mas, pelo menos no domínio da amizade, saber se o Jacaré está vivo... Beber um copo com ele e falar da vossa vida nesse ano...

-- Falar sobre o quê? Sugámos o tutano da vida nesse ano. Esgotámo-lo. Não há mais nada para dizer. Sugámos tudo, até as palavras. Creio que ficaríamos em silêncio a olhar um para o outro, com um enorme sorriso estampado nos lábios.

-- Bolas! Você deixa-me confundido. Como parece que você também andava confundido com a Maria... e ela consigo...

-- Aí, contava com mais perspicácia da sua parte. Acha que andávamos os dois confundidos? Os sentimentos são sempre puros como diamantes. Não enganam ninguém. Sejam eles positivos ou negativos. A moral, ou o valor que a sociedade quis atribuir à palavra moral, é que repudia grande parte deles quando surgem. E é pena,

porque são preciosos e de uma raridade tremenda! Há que os aproveitar, quando eles nos dão o privilégio de nos elegerem com tal benesse, quando nos dignam ao virem ter connosco. Mas chega de falar do passado. Falemos do presente. Ainda não se encontrou de novo com a Deolinda?

-- Não, mas já me vieram contar o rebuliço causado naquele grupo de mulheres que se diziam muito amigas. Algumas juntaram-se à Fátima, outras à Deolinda. Vamos ver no que dá... No entanto, logo que surja a oportunidade, garanto que aproveito para lhe voltar a falar do Luís. Já que me envolvi nisto, também não gosto de deixar as coisas a meio.

Fiquei satisfeito por ouvir aquelas palavras. Sempre gostei de ganhar apostas, e parecia agora contar com uma ajuda preciosa.

Surpreendentemente, desapareceu durante uma quantidade de dias. Não quis perguntar por ele aqui na casa, como é óbvio, e decidi procurá-lo, a custo, na igreja, onde encontrei outro padre a quem me dirigi.

-- O padre Virgílio pediu a sua substituição por oito dias. Vou-me embora amanhã e ele estará de volta.

Fiquei mais tranquilo. Tudo se encontrava bem e o plano recomeçaria dentro de dois dias. Fiquei no entanto intrigado com aquela ausência. Passei de seguida pela rua da Deolinda. Parei em frente da sua casa, que aos meus olhos ganhava cada vez mais

charme, como transmitia vida às células adormecidas, que quando acordadas sabem iluminar esta nossa passagem por este mundo.

Quanto ao Luís, evitara-o tanto quanto pudera. O seu olhar foi perdendo a vivacidade da curiosidade, e eu nada tinha para lhe dizer, para lhe oferecer. Nem sequer faria sentido bebermos mais um copo, nem um copo a mais...

Os dias tinham passado muito penosamente, o que acontece sempre que temos uma expectativa, uma promessa, uma ambição que começa a perder força.

Telefonou dois dias depois, à noite, para a residência, que por sua vez ligou para a minha extensão. Estava eufórico.

-- Tenho muito, muito para lhe contar!

-- Nesse caso venha até aqui! Sabe que tenho o quarto só para mim.

-- Não. Já é um pouco tarde.

-- Não é nada! Tenho aqui uma garrafinha à nossa espera.

-- Obrigado, mas não posso. Tenho também ótimas notícias para o Luís. Encontrei-me hoje na igreja com a Deolinda e tudo foi mais fácil do que eu pensava. Ela vem amanhã à igreja, sozinha, às quatro horas. É preciso avisar o Luís, que depois se vai encontrar com ela na sacristia. Poderão falar à vontade, enquanto nós, saímos e... e tenho muito para lhe contar.

Não resisti. Fui pedir o número do telemóvel do Luís e liguei-lhe. Depois de algumas graçolas que não tive a certeza de ele ter descodificado, fui direto ao assunto. E aí fiquei com a absoluta certeza de ele ter percebido!

Antes das três horas veio procurar-me. Queria saber como fora possível a aceitação da Deolinda para o encontro, queria insistentemente saber dos detalhes da conversa entre o padre e a Deolinda... que eu desconhecia... Perguntou ainda se a roupa que tinha vestida se adequava ao momento. Perguntou se o corte de cabelo que mandara fazer logo pela manhã não estava esquisito. Perguntou... Perguntou...

-- Luís, estou tão feliz quanto tu estás. Agora sou eu quem pergunta. Preparaste o teu diálogo? Preparaste...

-- Não se preocupe com isso, porque sei que quando eu lhe começar a dizer como a vejo, o que ela representa para mim... não pode ficar insensível. Tenho a certeza. Até que enfim, vou poder dizer-lho!

Aquela convicção foi extraordinária. O Luís tinha de facto qualquer coisa única e escondida bem dentro do seu ser.

Encontrámo-nos os quatro no largo da igreja, por isso nem houve necessidade de entrar na sacristia para o início da conversa, como estava acertado. Ali teve lugar uma rápida conversa de circunstância. Falou-se do tempo frio, das suas nocivas consequências e ainda do abandono a que estava votado aquele largo pela edilidade. Gostei muito da Deolinda. Logo ali apreciei a sua elegância no cumprimento de apresentação, as suas palavras parcias e adequadas, a distinção nas atitudes. O Luís esteve à altura. Parecia até bastante descontraído. Os olhares de ternura que lhe foi lançando, maravilharam-me. Constatei que ela, garantidamente muito perspicaz, os

notou e os aceitou, porque manteve por algum tempo os seus olhos fixos nos dele. Senti alegria por esta primeira impressão.

O padre, no entanto, estava com um estranho humor e rematou surpreendentemente:

-- Pois é, só a Deolinda te faz vir à igreja!

O Luís ficou a balbuciar qualquer coisa, mas acabou por ser salvo por quem o provocara.

-- Pronto, pronto, devem ter muitas palavras para trocar. Venham comigo. Depois, basta encostarem a porta, quando quiserem, porque nós dois vamos logo embora. Temos muito que conversar...

Abriu a porta da sacristia, no piso térreo de uma construção recente, adjacente à igreja, e voltou à carga, roçando desagradável:

-- Então, até logo... ou até amanhã!

De facto, parecia outro que não o padre Virgílio.

Comecei a andar na direcção do café fronteiro à porta da igreja, aprontando-me para ali termos a nossa conversa. No entanto, agarrou-me pelo braço.

-- Tenho o carro ali na rua de trás. Vamos sair daqui para podermos conversar sossegados.

Apenas entrámos no carro ligou o rádio e um sorriso franco não o largava. Estava muito contente e ao mesmo tempo estranho.

-- Apetece-me começar a contar-lhe já, mas quero esperar para o olhar nos olhos e ver a sua reacção.

Na localidade próxima, entrámos numa espécie de snack-bar, escolhemos uma mesa, pedimos bebidas e aquilo por que eu não esperava chegou.

-- Estive uma semana na vila!

-- Na vila? Qual vila?

-- Palmilhei o antigo colégio de uma ponta à outra. Tenho uma reportagem fotográfica, numa pen, para si.

Não! Não podia ser verdade! Ou ensandecera, ou só uma razão de força maior desconhecida podia justificar tal atitude.

-- Tenho muito, mesmo muito para lhe contar...

Quase me assustava, curvado em cima da mesa, com aqueles olhos esgazeados e um sorriso que mostrava todos os dentes.

-- Segui o rasto possível dos protagonistas daquele ano. Tenho contactos. Tenho testemunhos. Tenho fotos dos locais frequentados! Tenho...

Atirei involuntariamente com a cadeira para trás e fiquei em pé, siderado...

-- Nada, mesmo nada disso me interessa! Cale-se de imediato! Quero mesmo pedir-lhe o favor de não se intrometer na minha vida, de não destruir o meu mundo, tal como eu o tenho e preservo!

-- Sente-se, sente-se por favor. Sim, pois, a sua reacção é uma das hipóteses que tinha colocado a mim próprio, entre as várias que poderiam acontecer. No entanto, nas

minhas contas era a que menos probabilidades tinha, porque no seu lugar, eu não resistiria. Mas coloco mesmo um ponto final, com muita, muita pena minha nesse domínio e, quero agora avançar para outro, aquele que me respeita a mim.

Ficou ainda mais irreconhecível. Parecia agora um lunático, com os olhos prestes a sair das órbitas.

-- No mesmo local, encontramos ambos o amor...

-- Como? Deixe ver... Estou a perceber bem? Você é padre. Que tipo de amor pode ter encontrado naquela vila? O meu amor, ou seja, o que eu entendo por amor? O mesmo que eu lá vivi?

-- Sim, esse... Sou de carne e osso, como você!

-- Perdoe a minha talvez injustificada perplexidade, mas digo-lhe que se encontrou esse amor, encontrou o melhor que se pode encontrar neste mundo! Parabéns, é um sortudo.

-- E de que maneira! Quero contar-lhe. Preciso de o contar a alguém. E não vejo outra pessoa a quem o possa fazer. Tive autorização para me ausentar uma semana e saí daqui com a fixação absoluta no seu texto. Não me consegui libertar dele, sabe... Reli-o vezes sem conta. Sonhei com as situações, onde me cheguei a imaginar e a procurar integrar como personagem... Foi uma fixação. Não havia saída, a não ser desmistificar e ir viver in loco. Dar todos os passos, reconhecer todos os locais...

-- Ora esta! Nunca pensei...

-- Nem eu. Então, fiquei naquela estalagem à saída da vila. Que ainda existe! Desculpe, mas esta teve de ser...

Respirou fundo antes de prosseguir.

-- Logo ao jantar... ali estava ele, numa mesa contígua à minha. Caído certamente do céu. Ou melhor, enviado do céu.

E assim ficou, demoradamente, a olhar para mim, com um ar de alucinado.

-- Ele, quem?

-- O meu amor!

-- Ah! Está bem. Ainda cheguei a pensar...

-- E pensou bem. O meu amor chama-se Mário!

O meu incómodo não foi o dele, que prosseguiu nos detalhes daquele encontro com amor, ou corrigindo, paixão à primeira vista. A história foi bonita e ele estava felicíssimo. Precisei, no entanto, de uma bebida. A idade começa certamente a evidenciar a minha menor capacidade de encaixe.

-- Sabe que tomei a evidente decisão de sair desta terra!? Quero aproximar-me o mais possível. Tenho de ver com os meus superiores, temos de encontrar uma solução...

-- Aproximar-se da vila?

-- Não. Do Algarve. Ele é algarvio e encontrava-se ali em viagem de negócios. Que praticamente esqueceu para passar o resto da semana comigo.

Desatou a rir de uma forma que não lhe conheci antes. Ou pareceu-me a mim, porque talvez tenha ficado com qualquer preconceito depois da surpresa... Até o seu gestual me passou a parecer diferente.

Bastava! Quis regressar à residência. Apontei para a hora do jantar que estava a apertar.

No regresso, transpareceu alguma desilusão da parte do padre. O sorriso, agora frouxo, não o largou, mas pareceu-me ler nos intervalos de silêncio, contas que estavam a ser feitas...

O jantar não me sabia bem. Forçava-me a comer quando uma das funcionárias veio ter comigo.

-- Está ali o Luís. Já cá veio duas ou três vezes à sua procura. Agora disse-lhe para esperar pelo fim da refeição.

Abandonei de imediato a mesa e fui alimentar a minha despertada curiosidade. Como fora possível ter-me esquecido!? Absolutamente imperdoável!

Estava no hall da entrada, a caminhar de um lado para o outro. Trouxe-me logo de lá mais um abraço à sua maneira, ainda mais demorado e apertado. Fomos para o meu quarto e partilhei da sua alegria.

-- Eu estava confiante e tinha razão! Saíram-me as palavras com facilidade e acho que ela gostou. Gostou mesmo! A Deolinda falou pouco, porque eu fui um tagarela, mas marcámos mais encontros e o primeiro é já amanhã.

Festejámos, inevitavelmente com uma garrafinha, enquanto me deu mais detalhes e pediu alguns conselhos. A um desses pedidos logo respondi:

-- Tens o carro, sai com ela o mais possível daqui. Vai passear para onde quiseres, ou ela quiser, porque a natureza humana, sobretudo a nossa vizinha, não nos perdoa se formos felizes.

Depois de outro abraço à Luís, fiquei sozinho a rever os acontecimentos do dia. Concluí com alguma desilusão por mim próprio, que fora demasiado frio com o padre. A surpresa foi considerável, mas de forma alguma podia justificar a minha distância. Não conseguia perdoar-me... A felicidade não tem cor, não tem sabor e é por isso um todo. O que tem de diferente a felicidade do Luís, da felicidade do padre Virgílio?

Nas duas semanas que seguiram fui acompanhando a progressiva e positiva relação do Luís, que já frequentava a casa da Deolinda sem necessidade de marcarem mais encontros. Quanto ao padre Virgílio, não voltara mais à residência. Soube através do Luís, que se informou junto da namorada, que continuava a dar missa e a cumprir a sua missão. Senti-me então incomodado. Deixara de me visitar. Teria sido assim tão desagradável com ele a ponto de passar a ignorar-me? Neste braço de força, também não o procurei.

Fiquei de sobreaviso quando a direcção me pediu para conversarmos. Coloquei a hipótese de haver problemas com as transferências das verbas mensais, entre outras possibilidades, como a de quererem cortar nos meus privilégios. Entre eles, o da mesa reservada em exclusividade no refeitório, estava eu disposto a ceder, porque com a casa a ser cada vez mais procurada e verificava-se um certo aperto no refeitório. Em mais nenhum outro cederia.

Os sorrisos que me receberam no enorme escritório fizeram-me temer pelo pior. Nesta idade, e sobretudo situação, os sorrisos que nos são dirigidos, ou têm por objectivo enganar-nos e conseqüentemente roubar-nos, ou são de compaixão. Mas aquela compaixão que dá gozo a quem a tem, porque já nos vêem perto da morte, vendo-se essas pessoas a elas próprias a uma distância abismal dessa inevitabilidade.

Surpreendentemente, de nada disso se tratava. Queriam sim, falar do padre Virgílio. Pretendiam saber tudo o que eu conhecia a seu propósito.

-- Nada. Nada sei do rapaz.

-- No entanto, passam horas à conversa, saem, passam serões em restaurantes...

-- Alto lá! O que é isso!?

-- Por favor... Não leve para outros domínios. Precisamos da sua ajuda. Há uma questão muito complexa em que confiámos no padre Virgílio e fomos enganados. Desviou muito dinheiro da nossa casa!

Faltava esta. Nunca imaginei que ele fosse capaz de algo semelhante. No entanto...

-- Oçam, não posso ajudar em nada. Não sei que idade tem. Não sei onde nasceu. Não sei de nada acerca dele senão que é padre, que diz missa e que ajuda aí os utentes. Nada sei, e fiquem a saber que a vida dele não me interessa para nada.

-- Então, do que falam?

-- Basicamente de mim e de um caso sentimental que possibilitámos.

Queriam detalhes. Escusei-me a isso, alegando nada terem os temas a ver com dinheiro e lamentei não poder ajudar. Levantei-me e saí tremendamente incomodado.

Através do Luís, que se socorreu da Deolinda, consegui o número do telemóvel do padre Virgílio.

-- Não, não voltei mais aí. Nem voltarei. Diga-me... para podermos falar, pode vir ter à sacristia?

Ao longo das ruas, houve uma luta tremenda entre a vontade de me impedir de pensar e as várias conjecturas possíveis para explicar aquele imbróglio. Finalmente, lá estava ele, sentado, à minha espera.

-- É tudo muito simples, pelo menos até certa altura. Sempre fomos muito discretos, pelo que suponho que ninguém descobriu o que havia entre nós. Eu ia para lá, cumpria com a minha missão com os utentes e depois ali nos encontrávamos, completamente protegidos e à vontade para o que entendêssemos. Tudo corria bem, até eu me ausentar e apaixonar perdidamente, como sabe. Regressei da vila e, como sou alguém com dignidade e honra, tive desde logo uma conversa com o Tiago, explicando os motivos pelos quais a nossa relação não podia continuar. Ele recusou-se a aceitar o facto e ameaçou de me tornar a vida impossível caso desistisse dele. Como certamente já percebeu, trata-se de uma estratégia urdida por ele para me destruir. Tenho a certeza

de que se serviu de um protocolo celebrado com a Segurança Social, através do qual verbas importantes foram transaccionadas. O Tiago tinha um plano confesso para desviar parte desse dinheiro em seu proveito. Tudo fiz para o demover dessa ideia! Tanto que a minha assinatura consta em alguns documentos. Servi mais ou menos de garante no negócio. Tudo agora ele deve ter virado contra mim. Por vingança. Como me conhece, acredite que não tenho, nem seria capaz de aceitar um cêntimo desse dinheiro.

-- Sempre você me saiu uma caixinha de surpresas! Quem diria...

-- Por favor... Não é a altura certa.

Arrependi-me. Com efeito, como ele disse, não era o momento de mais carregar.

-- Veja bem como nesta altura, sem dúvida a mais feliz da minha vida, alguém por pura vingança me quer impedir de prosseguir... Sei que com a sua argúcia, o dinheiro que tem e os advogados que contratará, poucas ou nenhuma possibilidade tenho de evitar a prisão. E isso eu não quero, nem posso. Digo-lhe a si, que é a única pessoa em quem posso confiar, que caso leve por diante o intento e o vença, não me resta alternativa senão matá-lo. Se nesta altura se atravessar na minha vida, é o que me resta fazer! Já pensei nisso e quero avisá-lo da minha intenção. Ele não tem esse direito. Sabe que o meu pedido de transferência está em boas mãos e em vias de ser concedido!?

Que transformação naquele rosto! Como num segundo a expressão, posso dizer, de terror, foi substituída pelo oposto...

Lutar e matar por amor... é capaz de ser das únicas, senão a única razão nesta vida onde eu encontro um fundamento plausível para que se faça. É um bem tão precioso que merece de facto uma defesa radical, extremista, quando no-lo querem

roubar. Só quem ainda não provou dessa ambrósia pode duvidar do que acabei de escrever.

-- Oiça, tenho várias razões para o tentar ajudar nesta armadilha onde caiu. Aqui, a quente, não consigo pensar. Deixe-me ir para o meu quarto, tomar uns xaropes e pensar. Agora que temos os números de telemóvel, podemos nos contactar a qualquer momento. Peço-lhe que não tome qualquer decisão e muito menos a execute, sem previamente me contactar. Aceita o meu pedido?

De regresso à residência, um carro desportivo passou por mim na rua a alta velocidade, conduzido pelo Tiago. Contam-se pelos dedos de uma mão as vezes que falei com ele. Passavam-se semanas sem que o visse no sector por nós utilizado. Em contrapartida, via-o através da enorme janela, no seu escritório do último piso do prédio, virado para a horta do Luís.

Dei então por mim a falar sozinho, a repetir que tinha de encontrar uma saída, que era obrigatório encontrar com urgência uma solução.

Na residência, como se em demanda de um tesouro ali escondido, percorri como nunca fizera os corredores dos andares. A dada altura, entrei no elevador e carreguei no botão cimeiro, o do último andar, o do escritório do Tiago. Parei em frente à porta do seu escritório, e ali fiquei, até me chamar à razão e impor a ida para o meu quarto.

Acordei ofegante a meio da noite. Acabava de emergir de um sonho onde os gritos de uma multidão me impediram de dormir mais. Estivera em cima de um estrado, ou algo parecido, e podia ver toda aquela gente à minha frente, atenta ao que eu dizia.

-- Tenho uma notícia para vos dar a todos: O Tiago é pederasta!

-- O que é isso?

O público estava interessado e nada queria perder do que eu tinha para dizer.

-- É homossexual!

-- Já ouvimos essa palavra, mas o que quer dizer?

-- O Tiago é paneleiro!

Uma onda de exclamações de espanto e de indignação atravessou os ares...

Eram três da manhã, e ali estava eu sentado na cama, e sorridente. Peguei no telemóvel para ligar ao padre. No entanto, refreei desde logo aquele instinto.

De madrugada, achei melhor ficar por minha conta e nada comunicar das minhas intenções a ninguém. Logo depois do almoço, deixei na secretaria um pedido de audiência com o Tiago. Fiquei por ali à espreita, depois desisti e regresssei ao quarto. Como ele era muito imprevisível, podia até nem vir nesse dia, nem nos próximos. Peguei num livro e sentei-me em frente da janela. Ali fiquei, sem virar qualquer página, como se tornara hábito, relendo os parágrafos, até que alguém bateu à minha porta.

-- O doutor Tiago diz que pode recebê-lo agora.

Fiquei um tanto nervoso, mas dei um belisco em mim próprio para me castigar, porque já não tenho idade para isso. Para além de não me perdoar a falta de classe que tal implica.

A porta estava aberta e ele mandou-me entrar de braços abertos.

-- Então, quer falar comigo?

-- Sim, e quero chegar a um acordo consigo.

-- Em que estamos então em desacordo?

-- Tem a ver com os desvios de dinheiro...

-- Ah, então muito bem. Perfeito. Soube alguma coisa em concreto sobre o padre Virgílio?

-- Sim, soube. E sobre si também. Sabe-se que quem desviou esse dinheiro foi você, e por vingança quer acusar o padre.

-- Já falou então com o Virgílio! Fique sabendo que só em tribunal se apresentam as provas e que da nossa parte lá as apresentaremos...

-- Tem toda a razão. No tribunal. Mas fique então você sabendo de uma outra coisa. Para a sua tendência sexual, que esconde muito bem, apresentarei provas aqui na residência, depois em toda a localidade e onde me apetecer.

Deu um pulo da cadeira e veio direito a mim. Levantei os braços e não vacilei.

-- Vamos, agrave a situação, batendo-me. Apresentarei uma queixa, com as provas que me deixar por onde quiser dispor... e desta feita, logo de seguida também em tribunal!

A chamejar, voltou para o seu lugar. Ainda se encontrava de costas e já eu prosseguia.

-- O padre Virgílio vai-se daqui embora dentro de pouco tempo. Mesmo que todos fiquem a saber, para ele já não será relevante. No entanto, para si, que aqui vive e aqui tem esta empresa, tudo é muito diferente e complicado. Exijo que não persiga mais o rapaz. E vou utilizar outra vez o “fique sabendo”, para avisar que já fiz uma gravação das minhas afirmações de prova em suporte de vídeo, que entreguei onde e a quem entendi, no caso de me acontecer qualquer coisa...

Já saía, quando ainda me lembrei de um pormenor importante.

-- E mais! Imagine que nesta casa eu deixe de ser tratado da mesma forma que fui até então... Entendidos!?

Não era assunto que se tratasse por telefone, por isso acorri de novo à igreja. Ao entrar, deparei com uma qualquer cerimónia e uma meia lotação do templo que participava nela. Cheguei junto das últimas pessoas, as mais afastadas do altar, e quando o padre fixou aquela plateia, levantei o braço, com o polegar em evidência. Fiz depois um sinal de o esperar lá fora, seguido de outro fingindo beber um copo invisível. Tudo acompanhado de um enorme sorriso de orelha a orelha. Imagino as caretas e a figura de palerma que devo ter feito durante aquela mímica toda...

Uma boa meia hora depois, entrou afogueado no café. Encontrou-me sentado logo à entrada. Não escolhera propositadamente a mesa escondida atrás do pilar. Quis deixar assim mais um indício para ele adivinhar a chegada de boas notícias. Talvez a adivinhar isso mesmo, os seus olhos ávidos nada conseguiam fixar mais de uma fracção de segundo.

-- Diga-me o que se passa, por favor...

-- Está tudo resolvido. Calei de vez o vigarista.

Só então se sentou. Pelo seu olhar, duvidava certamente de uma solução tão rápida e eficaz.

-- Como conseguiu tamanho milagre?

-- Olha, posso tratar-te por tu? Estou cansado de tratar um puto por você! Não faço milagres e não quero que me questiones mais sobre como resolvi a questão. Sou um tipo um tanto misterioso, pois sou? Então, quero continuar a sê-lo!

-- Não é possível! Como? O que fez para...

-- Não insistas!

Olhava intermitentemente para mim e para a rua. O seu cérebro esteve certamente prestes a entrar em curto-circuito.

-- Quero, no entanto, dar-te um conselho. Sai daqui o mais rapidamente possível, porque se de momento penso ter as coisas sanadas, estes assuntos de sentimentos feridos são sempre muito imprevisíveis.

-- Aceito perfeitamente e nem sei como agradecer. Mas tenho o pressentimento que um dia virei a saber de tudo. Olhe, a minha transferência para o Algarve está presa por dias. Há uns quantos pormenores a definir e aguarda-me outra paróquia.

-- Creio que no meu tempo era mais fácil ser-se feliz! Actualmente, tudo me parece mais intrincado. Não gabo a sorte de quem é jovem nestes tempos... Quase fico imune de inveja perante esta juventude.

A custo conseguimos ter esta conversa, porque as solicitações e os cumprimentos foram chovendo sobre o meu interlocutor, ao sabor das entradas e saídas. Que raio de profissão! Se é que se pode chamar a isto uma profissão.

Os dias foram-me proporcionando momentos positivos, outros monótonos ou mesmo chatos. Procurei sempre retirar o melhor das rotinas, espreitar o condimento necessário ao equilíbrio de vida antes da desistência. Quem me veio espreitar deste estado latente foi o Luís. Vinha convidar-me para um lanche em casa da Deolinda. Formidável! Aceitei de imediato o honroso convite, que trouxe vigor de pulso para os meus remos nesta viagem.

Foi espantoso ver como aqueles dois se complementaram em tão pouco tempo. A cumplicidade ganha entre ambos deve ter batido todos os recordes. Completavam as frases um do outro, estavam sincronizados nos movimentos necessários em volta da mesa. Depois de eu ter gabado os bolinhos servidos, tiveram o orgulho de dizer que tinham acabado de ser feitos pelos dois. Disse então só para mim, que também sentia orgulho no esforço que proporcionou aquela espantosa harmonia.

-- Tenho conversado com a minha Deolinda, e ela está de acordo comigo. Não vamos esperar mais para celebrarmos o casamento.

Ela poisou a chávena de chá e continuou:

-- De facto, não somos adolescentes que têm de medir passo a passo os prós e os contras de uma decisão tão importante. Os dados são o que são e não nos restam dúvidas. Pelo menos a mim...

Olhou para ele, de lado, fingindo espreitá-lo. De lá choveu uma série de beijos interminável. Quando começavam, ignoravam-me por completo! E ali ficava eu à espera que terminassem. Como se acordassem, lá ficavam depois a pedir desculpa.

-- Como no casamento são precisos padrinhos, pensei em convidá-lo para meu padrinho!

-- Mas que grande honra! Aceito de imediato e agradeço por te teres lembrado de mim.

Nem sentado escapei a mais um daqueles abraços, sólidos e intermináveis...

Estava o Luís na conclusão do abraço, quando a Deolinda apresentou outro ponto da planificação efectuada pelos dois.

-- Queremos uma cerimónia organizada e celebrada pelo padre Virgílio. Tenho muito apreço por ele e o Luís também concorda.

O que fazer em circunstâncias semelhantes? Calar e deixar tudo ao sabor da corrente, nunca estive dentro daquilo que me posso perdoar a mim próprio. Por isso mesmo, sem margem de controlo possível, as palavras ganharam autonomia.

-- O padre Virgílio sai em breve desta paróquia, para outra no Algarve. Não poderão contar com ele.

-- Não pode ser! Vai abandonar-nos? Então, sabe porquê?

-- Creio que um padre tem sempre de obedecer à vontade da hierarquia. Desconheço os critérios que levam a decisões que certamente são melindrosas, mas, talvez simplesmente o padre Virgílio seja mais preciso noutra sítio...

Não me sinto nada bem a mentir. Detesto estas situações. De qualquer modo, tinha também de prevenir o padre, e pedir-lhe a invenção de uma boa justificação para apresentar a todos.

Liguei-lhe à noite para esse efeito e acabou por me dizer que nada disso seria necessário, porque partiria na madrugada seguinte. Não se despediria de ninguém, sobretudo de mim. Acrescentou que nesse domínio, algo de fundamental tinha aprendido na leitura do meu texto. As coisas boas não devem ter despedidas.

Caramba! Eu que sou duro de roer, não é que o rapaz me conseguiu pôr de nó na garganta, e talvez com uma lagrimita no canto do olho! Há cada uma!

Abreviemos. Há que abreviar. Os dias estão contados. Ontem, o médico veio ter comigo, trouxe os resultados e foi frontal.

De nada me queixo. Tive de facto uma vida repleta. Plena. Nunca tive sonhos, desejos de obter o que não tinha. Nem inveja de alguma coisa ou de alguém. Seria ingrato queixar-me. Reparando na frase que acabo de escrever, pode ser interpretado que devo gratidão a alguém... Mas não é isso que quero dizer. Refiro-me ao termo de comparação com outros, aqueles que por todos e mais alguns motivos não podem dizer o mesmo. É por ter pena deles, ou melhor, da vida deles. Os cristãos, por exemplo, passam a vida à espera de um paraíso depois de morrerem. Esta é uma vida envolta por aquilo que chamam o pecado, que afirmam ter já nascido com eles. Sempre assediados pelo que chamam o Diabo. Que vida de frustração! Então, o Deus deles não é suficientemente poderoso para liquidar o Diabo!? Afastá-lo de uma vez por todas da superfície da terra? Ou se é, por que motivo não o faz e permite que se torturem os fracos mortais durante esta vida, podendo eles de seguida ainda incorrer numa pena sem apelo para todo o sempre, no que chamam o inferno!? Que provação é esta e com que objectivo?

Caso exista, não quero ir para o paraíso desta gente, e muito menos para a companhia dos que enquanto vivos reivindicam lá o seu lugar por todos os motivos que considero absurdos e incongruentes. Perseguir-me-iam por todas as razões, como já o fizeram a outros neste mundo! Por outro lado, aquilo que eu entendo por paraíso, já o tive, já o vivi aqui, não preciso de outro. Para quê!? Tive-o sem para isso ter de fazer qualquer sacrifício, e sem ser necessário magoar alguém.

O que me diria a este propósito o padre Virgílio? Tenho mesmo saudades do rapaz...

Afinal, o casamento do Luís e da Deolinda sofreu atrasos, por culpa de burocracias que nem me quis dar ao trabalho de perceber. Assim, e com imensa pena minha, não vai dar...

É desnecessário, em meu entender, prolongar os dias, porque não gosto de sofrer. Neste dia de sol, bem bonito, vou deixar algumas indicações, como as relativas ao dinheiro que me resta para ajudar no casamento. Sou padrinho!

Mesmo muito importante é apagar tudo o que escrevi no computador. Vamos a isso...

Afinal, depois de muito hesitar, guardei num suporte informático o pouco que fui escrevendo desde que aqui cheguei. Mando entregá-lo ao padre actual, que o fará seguir para o Virgílio.

Não sei porque faço isto... mas fiz já muitas outras coisas sem saber porquê...

Vou andando, até uma magnífica ponte ali adiante, à saída do aglomerado urbano, num local idílico. Fico, deste modo, pelas regras ditadas não sei por quem, radicalmente impedido de entrar no paraíso daqueles que de forma alguma me iriam perdoar por ter tido o meu na terra...

(Já não sou padre.

Não sei se ainda crente...

Não consegui cumprir o pedido de destruição do primeiro texto após a sua leitura.

Não estou arrependido. E posso dizer que só tenho imensa pena se os restantes textos foram apagados. A este propósito, falta-me coragem para ir perguntar pelo que fizeram ao computador.

Sinto sim, de forma compulsiva a obrigação de tornar públicos estes textos. No que me toca, por motivos essencialmente pessoais. Mas suspeito que os leitores encontrarão outros mais.

O título, porque tinha de ter um, é da minha inteira responsabilidade. Por isso, os leitores ficam livres de lhe atribuir o que julgarem mais adequado. Tudo daria para conhecer a opinião do autor a este propósito...

Se estou feliz, se tenho um cantinho de paraíso meu, a ele o devo. Se ainda fosse padre, rezaria e celebraria missas diárias para tentar pagar a dívida...)